

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO E NEGÓCIOS  
NÍVEL MESTRADO**

**VINICIUS RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**COOPERAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE:  
Um estudo de caso em Clínica Escola de Odontologia.**

**Porto Alegre- RS  
2023**

VINICIUS RODRIGUES DE OLIVEIRA

**COOPERAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE:  
Um estudo de caso em Clínica Escola de Odontologia.**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão e Negócios, pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão e Negócios da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Luis Felipe Maldaner

Porto Alegre - RS

2023

Universidade de Rio Verde  
Biblioteca Luiza Carlinda de Oliveira  
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – (CIP)

O52c Oliveira, Vinicius Rodrigues de

Cooperação entre universidade e organizações da sociedade:  
um estudo de caso em Clínica Escola de Odontologia. / Vinicius  
Rodrigues de Oliveira. — 2023.

90f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Luis Felipe Maldaner.

Dissertação (Mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos  
Sinos - UNISINOS, Programa de Pós-Graduação em Gestão e  
Negócios, Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação,  
2023.

Inclui lista de figuras e quadros.

1. Cooperação - Universidade. 2. Organizações da sociedade  
pública e privada. 3. Saúde bucal. 4. Clínica escola de  
odontologia. I. Maldaner, Luis Felipe. II. Título.

CDD: 658.408

Bibliotecário: Juatan Tiago da Silva – CRB 1/3158

## **AGRADECIMENTOS**

Uma frase sempre acompanhou minha vida e me guiou até aqui, dando-me forças para continuar quando perdi as esperanças, dando conforto quando me desesperei, dando motivos para me levantar sempre que cai no chão: “Deus não dá um fardo maior do que podemos carregar”.

Agradeço a Deus a ele devo toda minha gratidão e devoção em fé, pois nunca me deixou desamparado mesmo quando indaguei sobre as negativas que recebi da vida.

A minha mãe Vilma, que me ensinou lições que nunca encontrei em livros, ela sempre me amou a seu modo e me incentivou a lutar pelos meus sonhos e anseios.

Minha esposa, namorada e amiga Kamilla, que está ao meu lado em todos os momentos, ela foi a maior incentivadora para a realização deste mestrado, ficando noites em claro comigo desde a inscrição no projeto e aguentando meu estresse diário, sem ela talvez eu até estivesse realizando mais este sonho, mas certamente eu não seria tão feliz.

A UniRV e todos os seus servidores em especial ao amigo Reitor Alberto Barella, que possibilitou a realização deste curso de mestrado, sem a ajuda da instituição seria quase impossível viver este momento.

Ao meu orientador Prof. Luis Felipe Maldaner, que tive o privilégio de ser orientado, ele me ensinou mais do que posso expressar em palavras, obrigado por me ajudar a crescer inicialmente como ser humano e posteriormente me auxiliar a crescer na área acadêmica.

Por último gostaria de agradecer ao Vinicius do passado que deu o pontapé inicial a este sonho, por sua causa hoje conquistamos o que almejamos, a nossa vitória não foi apenas no campo intelectual, mas também na humana, hoje sou um ser humano melhor, que busca impactar a vida das pessoas, dando-lhes o que buscamos no começo da pós-graduação “Realização pessoal, oportunidades e sobretudo estar feliz com suas escolhas e ser feliz consigo”.

## RESUMO

O estudo “Cooperação entre Universidades e Organizações da Sociedade Pública e Privada” explora os benefícios para a população e o fortalecimento das instituições como centros de excelência por meio dos atendimentos em clínicas universitárias de odontologia. A pesquisa é de caráter qualitativo com estudo de caso, onde foram empregadas entrevistas com saturação de dados como uma das formas de coleta de informações, foi abordada a formação de redes de cooperação entre universidades e órgãos externos, uma área com lacunas de pesquisa. Ela se concentra na cooperação em clínicas escolares de odontologia e seu impacto na qualidade de vida da comunidade, aliviando a sobrecarga nos serviços públicos de saúde e fortalecendo a proteção das universidades. Essas clínicas desempenham um papel crucial no desenvolvimento acadêmico e na conexão entre a universidade e a comunidade. A falta de literatura específica sobre parcerias envolvendo escolas de odontologia e organizações públicas e privadas motivou a pesquisa. Em um contexto de reformas no setor público, os sistemas de saúde buscam cooperação com instituições de ensino e pesquisa, enquanto as organizações privadas desejam parcerias com resultados escaláveis a curto e médio prazo. Os resultados obtidos destacam a necessidade de cooperação com órgãos externos e o impacto positivo dos atendimentos nas clínicas sobre a comunidade. Para alguns pacientes, essa foi sua primeira interação com uma instituição de ensino superior, tornando a universidade uma referência em serviços de saúde bucal. A pesquisa resultou em uma cartilha instrucional de cooperação para orientar a colaboração entre universidades e organizações públicas e privadas. Espera-se que este trabalho promova a cooperação em ambientes educacionais e melhore a qualidade de vida das comunidades envolvidas.

Palavras-chave: Cooperação; Cooperação universidade – organizações da sociedade pública e privada; Saúde bucal; clínica escola de odontologia.

## **ABSTRACT**

The study “Cooperation between Universities and Public and Private Society Organizations” explores the benefits for the population and the strengthening of institutions as centers of excellence through services at university dentistry clinics. The research is qualitative in nature with a case study, where interviews with data saturation were used as one of the forms of information collection, the formation of cooperation networks between universities and external bodies was addressed, an area with research gaps. It focuses on cooperation in school dental clinics and its impact on the community's quality of life, alleviating the burden on public health services and strengthening the protection of universities. These clinics play a crucial role in academic development and the connection between the university and the community. The lack of specific literature on partnerships involving dental schools and public and private organizations motivated the research. In a context of reforms in the public sector, health systems seek cooperation with teaching and research institutions, while private organizations desire partnerships with scalable results in the short and medium term. The results obtained highlight the need for cooperation with external bodies and the positive impact of clinic care on the community. For some patients, this was their first interaction with a higher education institution, making the university a reference in oral health services. The research resulted in an instructional cooperation booklet to guide collaboration between universities and public and private organizations. It is hoped that this work will promote cooperation in educational environments and improve the quality of life of the communities involved..

**Keywords:** Cooperation; University cooperation – public and private society organizations; oral health; Dental school clinic.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os três pilares das Universidades.....	17
Figura 2 - Crescimento dos atendimentos do programa de saúde bucal do SUS.....	21
Figura 3 - Crescimento de municípios e equipes do programa de saúde bucal do SUS .....	22
Figura 4 - Resumo do referencial teórico .....	24
Figura 5 - Fluxograma de abordagem para entrevistas.....	33

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Benefícios na cooperação entre Universidade e órgãos externos públicos e privados.....	12
Quadro 2 - Dificuldades de cooperação com entes públicos .....	14
Quadro 3 - Dificuldade de cooperação com entes privados.....	16
Quadro 4 - Fases para identificação da saturação dos dados .....	28
Quadro 5 - Quantidade de participantes entrevistados .....	35
Quadro 6 - Comparativo entre Teoria x Realidade.....	39

## **LISTA DE SIGLAS**

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEO	Centro de Especialidades Odontológicas
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAPEG	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás.
IES	Instituição de Ensino Superior
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
RCE	Rede de Cooperação Empresarial
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	4
1.1. Delimitação do tema.....	6
1.2. Problema .....	6
1.3. Objetivos .....	7
<b>1.3.1. Objetivo Geral</b> .....	<b>7</b>
<b>1.3.2. Objetivos Específicos</b> .....	<b>7</b>
1.4. Justificativa.....	7
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1. Redes de Cooperação .....	10
2.2. Extensão Universitária.....	16
2.3. Clínica Escola de Odontologia .....	19
3. MÉTODO.....	24
3.1. Estrutura das Clínicas Escola de Odontologia da Unidade de Análise.....	24
3.2. Método de pesquisa .....	26
3.3. Amostra de Pesquisa .....	30
3.4. Entrevistas .....	31
3.5. Proposição e Desenvolvimento de uma Cartilha .....	35
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS .....	38
4.1. Contexto dos Atendimentos na Clínica Escola de Odontologia .....	41
4.1.1. Estrutura de outras Clínicas de Odontologia Observadas .....	42
4.2. Roteiro de Entrevistas .....	44
<b>4.2.1. Perspectivas dos pacientes</b> .....	<b>46</b>
<b>4.2.2. Perspectivas dos Acadêmicos</b> .....	<b>48</b>
<b>4.2.3. Perspectivas dos Docentes</b> .....	<b>51</b>
5. DESENVOLVIMENTO DA CARTILHA INSTRUCIONAL.....	54
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	56
REFERÊNCIAS .....	59
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTAR DOCENTES .....	67
APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTAR OS ACADÊMICOS .....	68

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTAR PACIENTES QUE FORAM ATENDIDOS NA INSTITUIÇÃO.....	69
APÊNDICE D – CADERNO DE CAMPO .....	70
APÊNDICE E - CARTILHA INSTRUCIONAL.....	73

## 1. INTRODUÇÃO

A busca incessante por melhoria de desempenho, aumento de produção, atração e gestão da carteira de clientes, impulsiona cada vez mais a competitividade do mercado, exigindo que mais empresas inovem ao adotarem suas estratégias. A cooperação tem sido apresentada como o novo *locus* da inovação, em que o conhecimento pode ser gerado de forma mais eficiente e rápida (NAKANO, 2005), a cooperação pode ser fator decisório para o sucesso e/ou permanência destas instituições no mercado.

As organizações buscam aumentar sua competitividade adotando estratégias de cooperação para obter êxito, soluções coletivas e coordenadas podem possibilitar a superação de obstáculos e acesso a recursos, as redes são formadas por empresas independentes que atuam de forma conjunta. (BALESTRIN; VERSCHOORE, 2016)

A cooperação Universidade – Governo é uma temática recorrente em diversos periódicos acadêmicos, nas últimas décadas estas pesquisas buscaram cada vez mais evidenciar a importância das parcerias, onde elas obtenham a geração de impactos substanciais na qualidade de vida da sociedade local, ainda mais quando essas interações auxiliam na promoção da saúde da população, demonstrando um viés cada vez mais voltados para a gestão, como essa participação mútua pode render frutos.

A Constituição Federal de 1988, estabelece o acesso à saúde universal através de um Sistema Único de Saúde, desta forma ele passa a ser um direito social, que visa o acesso universal e igualitário a ações e serviços que promovam a saúde BRASIL. [2020]. O Sistema Único de Saúde (SUS), ao longo dos anos vem expandindo vagarosamente a sua capacidade de atendimento se comparado ao aumento populacional, sobrecarregando os serviços públicos de saúde e aumentando as filas de espera para atendimentos nas mais diversas áreas.

A política nacional de saúde bucal, contribui significativamente para a melhoria do acesso à assistência odontológica integral de qualidade e gratuitos para toda a população brasileira, potencializados por meio da criação dos CEOs (Centros de Especialidades Odontológicas) e de laboratórios regionais de próteses dentárias (BRASIL, 2018). Nota-se sobretudo que o crescimento não é homogêneo, sendo que há uma disparidade de acesso entre regiões do país, sendo que a maior taxa de

acesso a serviços especializados é encontrada na região sul e sudeste e a menor taxa registrada e na região norte (MARTINS, 2014).

A superlotação dos órgãos públicos de saúde, exige que a população busque alternativas para obterem atendimentos, conforme sua condição financeira permita, uma das alternativas é recorrer aos atendimentos das clínicas universitárias. Os projetos de extensão são alicerces fundamentais para o desenvolvimento acadêmico, mas também podem ser primordiais para a qualidade de vida da comunidade local, além de ser um precursor do desenvolvimento institucional, culminando em diversos benefícios multissetoriais.

As Universidades, embora públicas ou mesmo comunitárias, necessitam consolidar a sua marca, como excelência acadêmica, mas também elas exercem uma função social de extrema importância, através da formação de profissionais que impactam de forma positiva a sociedade. A extensão universitária é o espaço de reflexão crítica utilizado para repensar ações acadêmicas com vistas às demandas sociais, além de ajudar na formação de profissionais que promovam as transformações sociais (FORPROEX, 2006).

Os projetos de extensão nas áreas da saúde, promovem a integração acadêmica com a comunidade local, através dos atendimentos de saúde em suas clínicas e hospitais escola, possibilitando a prática supervisionada dos alunos, funcionando como grandes parceiras dos órgãos de saúde, desafogando o sistema público e proporcionando maior agilidade no atendimento.

A parceria entre poderes públicos e universidades pode gerar uma melhoria em diversos processos; o sucesso desta rede de cooperação, ocorre por meio do caráter motivacional, com a aproximação espontânea dos seus integrantes (TÁLAMO, 2008). Os interesses individuais de cada organização podem ser compartilhados a fim de proporcionar ganhos comuns, viabilizados pela cultura da participação e troca, visando a uma relação de confiança e colaboração (MALAFAIA et al., 2007). A confiança entre os entes envolvidos, são pontos fundamentais para a construção de uma cooperação sólida, que obtenha resultados positivos para toda a comunidade local.

As clínicas escola de odontologia tem papel fundamental no desenvolvimento acadêmicos, elas proporcionam o contato entre futuros dentistas com seus pacientes, aliando os conhecimentos teóricos e os praticados em manequins à prática com

pacientes, através deste contato conseguem visualizar os desafios que vivenciaram no mercado, além de ser uma ferramenta que aproxima a comunidade à universidade.

A carência de periódicos sobre o assunto quando pesquisados em bases de dados acadêmicas nacionais foi o motivador para a pesquisa, para que desta forma, consigamos entender o impacto dos serviços prestados nestas instituições de ensino e como elas podem ser válvulas de escape para a superlotação dos serviços de saúde locais e como podem contribuir para o desenvolvimento das IES.

A Universidade que é o campo de estudo será chamada neste trabalho de “Uni A”, ela é uma fundação autônoma de direito público sem fins lucrativos, ela tem autonomia administrativa, de gestão financeira, orçamentária e patrimonial, além de autonomia didático-científica e cultural. A criação da fundação obedece a leis anteriores à Constituição Federal de 1988 desta forma não precisa atender ao art. 206 da CF/88, que determina que o ensino público seja gratuito [CONSTITUIÇÃO (1988)].

A cobrança de mensalidade dos acadêmicos é o grande diferencial desta instituição de ensino pública, devido a esta peculiaridade ela não depende de outras fontes de renda, não recebendo nenhuma dotação orçamentária pública, exceto em casos de concessões de incentivos a pesquisa como CAPES, CNPQ, FAPEG e dos programas do governo de qualificação como o PRONATEC.

### 1.1. Delimitação do tema

Neste estudo foi investigada como a cooperação entre universidades e organizações da sociedade pública e privada através dos atendimentos realizados em uma clínica escola de odontologia podem beneficiar a população e consolidar as instituições de ensino como centros de referência, utilizando-se de pesquisa qualitativa de estudo de caso.

### 1.2. Problema

As parcerias com órgãos públicos e privados podem ser benéficas para ambos os entes desde que haja fins em comum, a cooperação entre as organizações podem ser válvulas de escape que permitam romper barreiras que limitem o desenvolvimento

das organizações. Quando analisamos os atendimentos de saúde básica é irrefutável constatar que toda a ajuda nos atendimentos é bem-vinda.

A cooperação informal já existente observada entre o campo de estudo (clínica escola de odontologia da UniA), ONG's e Instituições privadas despertou a inquietação que se tornou a problemática de pesquisa desta dissertação.

Como a cooperação entre Universidade e Órgãos Públicos através de atendimentos realizados em clínica – escola de odontologia pode ser benéfica para ambos os agentes e para a comunidade local?

### 1.3. Objetivos

#### 1.3.1. Objetivo Geral

O objetivo geral é analisar como a cooperação entre universidade e organizações da sociedade públicas e privadas, através de atendimentos em clínica escola de odontologia.

#### 1.3.2. Objetivos Específicos

- a) Elaborar estratégias a serem traçadas visando estabelecer a cooperação com organizações públicas e privadas;
- b) Analisar a atratividade dos atendimentos realizados em clínica escola de odontologia para a captação de alunos. Com vistas à sua sustentabilidade;
- c) Propor uma cartilha de cooperação com entes públicos e privados;

### 1.4. Justificativa

Sob influência dos processos de reforma do setor público, mais especificamente no contexto da Nova Administração Pública, grandes sistemas de saúde no mundo têm focado em estratégias que resultem em possibilidades de

cooperação entre órgãos governamentais e Instituições de Ensino e Pesquisa, buscando estreitar as relações institucionais para alcançar melhores resultados dos serviços prestados à população (ABRUCIO, 2007).

A dissertação buscou compreender como a cooperação entre as Universidades e as organizações da sociedade públicas e privadas, consigam trabalhar juntas buscando melhorar a qualidade de vida da população local. Segundo Mayo (1997), para uma organização obter êxito, a gestão deve priorizar o desenvolvimento e a sustentação da cooperação. As parcerias são fundamentais para maximizar a qualidade no atendimento dos pacientes, assim como para fortalecer a marca da IES frente à população.

A cooperação é um tema extremamente relevante e merece atenção da sociedade e das organizações, tendo em vista que as vantagens obtidas podem impactar a todos. As entidades empresariais, educacionais e de saúde podem evoluir exponencialmente quando se unem, os processos colaborativos são essenciais para o desenvolvimento das organizações (BARNARD, 1956), A cooperação pode facilitar a captação e o encaminhamento de pacientes, além de desafogar o sistema de saúde local, proporcionando atendimentos de qualidade.

O atendimento realizado através das clínicas escola de odontologia, podem ser fundamentais para a formação do conceito de excelência no ensino perante a sociedade local, gerando bons resultados para ambos os entes envolvidos. Os atendimentos realizados na clínica escola têm duas perspectivas fundamentais, que são: a possibilidade de treinamento de alunos mediante a aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula e a oferta de atendimento à população menos favorecida (AMARAL, 2012).

A concepção de uma cartilha pode ser uma entrega que impacte no sistema administrativo das empresas, dando um olhar mais pedagógico para um tema que pode alavancar a qualidade de vida da população local, além de auxiliar na elaboração de estratégias visando a colaboração entre entes externos, promovendo inúmeros benefícios como a inovação.

A motivação para esta pesquisa surgiu em decorrência da escassez de trabalhos deste gênero, quando procurado em plataformas online de artigos acadêmicos em português e inglês validado por pares, como o portal da CAPES e portal SciELO, além da base de dados de teses e dissertações da CAPES, sobretudo

quando o enfoque principal é a cooperação entre entes públicos através de atendimentos em clínicas escolas de odontologia, deste modo o presente trabalho se justifica por trazer contribuições relevantes sobre o assunto, ampliando os estudos de cooperação interorganizacionais, compreensão da influência dos atendimentos na atratividade para novos clientes e melhorias na qualidade de vida da população local.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico tem por objetivo fundamentar este estudo, nele são abordados conceitos fundamentais que nortearam esta pesquisa e fornecem sustentação teórica necessária para que os objetivos sejam alcançados.

### 2.1. Redes de Cooperação

A cooperação entre organizações concorrentes ou não, vem ganhando cada vez mais espaço nas áreas empresariais e em pesquisas acadêmicas, elas buscam entender como as relações entre diferentes instituições podem contribuir para a expansão e solidificação das suas marcas. As estruturas interorganizacionais evidenciam os antigos rivais do mercado como potenciais parceiros através de ações de cooperação (BEGNIS et. al. 2008), segundo Gulati et. al. (2000), as redes interorganizacionais são um conjunto de relacionamentos verticais ou horizontais entre as organizações, sejam elas fornecedores, clientes, concorrentes, entidades públicas ou privadas.

Uma das características mais evidentes das redes de cooperação são as parcerias entre três ou mais organizações autônomas, que trabalham de forma conjunta para alcançar objetivos coletivos que são compartilhados entre os membros (BALESTRIN; VERSCHOORE, 2016; PROVAN; KENIS, 2008; WEGNER, 2019). O modelo organizacional das redes é constituído de estrutura formal própria, mantendo as singularidades de cada organização, mas dividindo com os demais associados da rede uma simetria de ganhos, investimentos e voz ativa nas tomadas de decisões (BALESTRIN; VERSCHOORE, 2016).

A obtenção de vantagens competitivas, depende da capacidade de reforçar laços com os clientes, superar as expectativas do mercado e de inovar. As organizações que agem sozinhas encontram dificuldades para competir no mercado, não por serem pequenas, mas por agirem isoladamente (FERNANDES, 2005). As empresas isoladas, não conseguem se tornar competitivas, a associação a outras empresas se faz necessária a fim de facilitar o acesso a tecnologias e modelos de gestão, além de ser um facilitador para a cultura de inovações.

Essa nova cultura organizacional parte do pressuposto que nenhuma empresa pode ser independente sem que isso se reflita nos custos (WITTMANN et. al. 2003). Em decorrência da percepção de que a cooperação gera ganhos competitivos para as empresas, governos e entidades privadas ao redor do mundo, instituíram políticas de promoção e apoio de iniciativas de cooperação (VERSCHOORE; BALESTRIN, 2008). É muito difícil uma empresa se desenvolver e acumular todas as competências necessárias isoladamente (MUNCHER, 2018). A cooperação entre os órgãos públicos e universidades, priorizam o desenvolvimento da sociedade local, desta forma os objetivos em comum fundamentam a integração, esta cooperação é baseada na confiança e relações de reciprocidade.

As clínicas vinculadas às universidades que promovem atendimento ao público exercem papel social fundamental para a comunidade local, elas oferecem atendimentos que por muitas vezes pode ser demorado no SUS, devido a sua superlotação e falta de capacidade para atender toda sua demanda, devido a isso as clínicas escola surgem como uma opção para a população ter acesso a saúde.

O SUS não consegue sozinho atender toda a demanda de atendimentos da sociedade, precisando muitas das vezes do auxílio de instituições privadas, sendo os serviços de média complexibilidade o ponto de estrangulamento do sistema (SOLLA e CHIORO, 2009). As clínicas escola universitárias da área da saúde desta forma exercem papel fundamental no auxílio ao atendimento da comunidade, pois conseguem desafogar os órgãos públicos de saúde, oferecendo atendimentos especializados e de qualidade.

A ausência dos atendimentos realizados nas clínicas escolas, podem gerar sobrecarga no sistema, uma vez que grande parte desses pacientes dependiam exclusivamente dos atendimentos do SUS (ZILLI et. al. 2017). Os pacientes que são atendidos nas clínicas universitárias ainda cumprem papel fundamental no desenvolvimento acadêmico e profissional destes estudantes.

A clínica escola de odontologia é responsável por cumprir um papel fundamental na promoção da saúde bucal da comunidade, pois o SUS apesar de ter um programa exclusivo para este fim ainda tem um quadro funcional inferior à demanda de atendimentos.

Parcerias entre Universidades e Órgãos Públicos de Saúde são cases de sucesso em inúmeras especialidades de saúde, estes acordos trazem benefícios para

ambas as entidades e para a sociedade, eles podem ser formais ou informais, acontecendo nas esferas federais, estaduais ou municipais.

Os benefícios que os acordos proporcionam estão fundamentados no agrupamento de conhecimentos e recursos, compartilhando riscos e sobretudo alcançando uma parcela da sociedade que sem esta cooperação não conseguiria acesso aos serviços oferecidos. O quadro 1 evidencia vantagens que a cooperação proporciona.

Quadro 1 - Benefícios na cooperação entre Universidade e órgãos externos públicos e privados.

<b>Vantagens</b>	<b>Impacto (descrição)</b>
Facilitar o acesso aos clientes	Os clientes são os alunos e pacientes, com a participação dos entes públicos a captação de novos pacientes é facilitada e isso gera mais atendimentos para os alunos, beneficiando seu aprendizado.
Alcance da marca no mercado	A colaboração da Universidade com entes públicos e privados, leva o nome da universidade a locais distantes dos seus muros, desta forma a visibilidade da marca aumenta, atraindo novos alunos
Aprimoramento da qualidade dos serviços prestados	A vivência com diferentes profissionais da saúde, assim como a diversidade de atendimentos, traz benefícios para o aprimoramento dos serviços.
Divisão de Riscos	A cooperação diminui os riscos quanto à falta de atendimento à população para a rede pública e quanto à deficiência de aprendizagem pela falta de pacientes da Universidade.
Acesso a recursos	Um dos pilares da cooperação e facilitar o acesso a recursos que individualmente seria difícil, no caso da universidade seria a estrutura externa aos seus muros, já do serviço

	público de profissionais para ampliar o atendimento à comunidade.
Aprendizado	Troca de experiências, aprendizado e desenvolvimento conjunto com os parceiros.
Capacitação da gestão	Compartilhamento de experiências de gestão, organização e capacitação de pessoal.

Fonte: Verschoore e Balestrin, 2008; Neto, 2005; Muncher, 2018. Adaptado pelo autor

A cooperação constituída a partir de objetivos comuns e explícitos entre Universidades e Órgãos Públicos de saúde, são sobretudo pautados pela confiança e motivação, elas são estruturadas pelos interesses em comum, que neste caso geram impacto positivo na comunidade local. Esta estrutura é diferente das estruturas de uma Rede de Cooperação Empresarial (RCE) comum, pois não há uma formalização de um capital social, como definido por Onyx e Bullen (2000) e Malafaia et al. (2007), onde a organização social entre diferentes agentes primários, estabelecem redes de colaboração, normas, confiança e coordenação voltadas para benefícios mútuos.

A confiança é peça chave para a cooperação, seja entre empresas privadas ou públicas. A confiança tem caráter estratégico não apenas por estabelecer laços necessários e viabilização de uma RCE, mas também por exigir um tratamento específico a fim de moldar sua adequada intensidade (TÁLAMO, 2008), desta forma os interesses devem ser sempre explícitos, para que assim sejam traçadas regras que norteiam as ações dos entes da cooperação.

Firmar parcerias com organizações públicas pode ser benéfico para ambos os entes envolvidos, porém as cooperações também podem trazer inúmeros dissabores, pois a política pública nacional pode mudar muito de um governo para outro. As transições de governo podem ser cruciais para alavancarem as cooperações ou para pôr fim em projetos em andamento, sendo uma incógnita de difícil compreensão.

O quadro 2 aborda algumas dificuldades encontradas segundo diversos autores em cooperar com entes públicos, demonstrando dificuldades encontradas ao firmar acordos de cooperação, sendo marcados por incertezas na continuidade de projetos a longo prazo.

Quadro 2 - Dificuldades de cooperação com entes públicos

<b>COOPERAÇÃO COM ENTES PÚBLICOS</b>	
<b>Dificuldades Apontadas</b>	<b>Autores</b>
Falta de mecanismos adequados e de canais regulares e eficientes de circulação das inovações.	TAVARES et al., 2019
Limitações causadas por processos administrativos e processos legais podem reduzir a velocidade das decisões e ações.	COSTA, 2013
Dificuldade de estabelecer objetivos coletivos e estimular os participantes na busca por eles.	(PROVAN; KENIS, 2008)
Dificuldade de captar e manter profissionais especializados no projeto, pois o ingresso em órgãos públicos ocorre por meio de concurso e as remunerações não costumam ser atrativas para estes profissionais.	MIKOSZ, 2017
Falta de continuidade das políticas públicas de incentivo às parcerias com as universidades e empresas.	LAIMER, 2013
A alternância de governo e a descontinuação de programas dificultam a evolução da cooperação com entes públicos	ZARPELON, 2016

Fonte: Adaptado pelo autor

As parcerias com órgãos públicos podem ser pouco eficazes devido aos problemas de continuidade de trabalhos quando ocorre a mudança de gestores, os períodos de transição de governo são tumultuados e cheios de incertezas. As interrupções na continuidade afetam a credibilidade e legitimidade das ações do Governo, criando a visão no mercado que o governo não conclui as coisas (ZARPELON, 2016).

A cooperação entre as Universidades – Empresas ou cooperação entre universidade e órgãos privados também tem seus objetivos específicos, cada dia aumenta a necessidade de realização de pesquisas que atendam ao rápido processo

de inovação tecnologia em que o mundo se encontra. (SEGATTO-MENDES; SBRAGIA, 2002). A aproximação das universidades se dá em busca de financiamentos das pesquisas enquanto as empresas buscam soluções para sua dificuldade de se atualizar e acompanhar as mudanças tecnológicas.

Quando estendemos essa interação a área da saúde bucal, as perspectivas não são tão diferentes, as organizações buscam se atualizar com novos procedimentos, pesquisas e tecnologias, abrindo espaço para que os acadêmicos e os recém graduados possam atuar trazendo dinamismo e novas perspectivas de futuro, através das inovações oriundas das pesquisas universitárias.

A cooperação com instituições privadas e sobretudo com as ONGs proporcionam trocas de experiências que podem impactar a comunidade ao redor, além de trazer o frescor de novos horizontes de mercado, o foco na melhoria de processos merece destaque, ao associar o conhecimento universitária a administração financeira e de tempo dos entes privados.

Ativos desenvolvidos em uma rede de cooperação ainda oferecem uma dificuldade extra, pois os gestores querem individualmente manter o sigilo e a patente do que foi desenvolvido, estas atitudes podem gerar desconforto com os demais entes que entendem que também tem sua parcela de crédito na pesquisa e desenvolvimento do produto.

O quadro 3 aborda algumas dificuldades encontradas na cooperação Universidade - Empresa, abordando aspectos que alguns autores trazem como fatores limitantes ou que possam impedir a continuidade e realização de novos acordos de cooperação.

Quadro 3 - Dificuldade de cooperação com entes privados

<b>Dificuldades Apontadas</b>	<b>Autores</b>
Diferença de tempo para obtenção de resultados, onde a universidade tem um tempo de retorno maior que as empresas têm para gerar lucro.	SANTOS, 2016
Diferenças de filosofia, elas dificultam encontrar um meio termo entre divulgação científica (universidade) e manter sigilo sobre produção intelectual (empresas), que foram desenvolvidas em conjunto.	MELO, 2002
Falta de qualificação adequada dos recursos humanos dificultando o desenvolvimento e execução de projetos em conjunto.	SCHAEFFER, RUFFONI, PUFFAL, 2015
Falta de conhecimento de mercado por parte dos pesquisadores universitários, podendo limitar o poder de aceitação do produto.	POJO, 2014

Fonte: adaptado pelo autor.

As Instituições estabelecem redes de cooperação visando preferencialmente benefícios de curto prazo que resolvam questões e dificuldades pontuais (VERSCHOORE; BALESTRIN, 2008). programas como o PRC (Programa de Redes de Cooperação) implantado no Rio Grande do Sul são referências como experiência duradoura, fomentando programas desde os anos 2000 (VERSCHOORE, 2010). O pensamento de longo prazo é outro fator que merece atenção, o alinhamento de metas de curto, médio e longo prazo são essenciais para que a cooperação obtenha êxito.

## 2.2. Extensão Universitária

Os primeiros registros de experiências de extensão no Brasil ocorreram em 1911, na Universidade Livre de São Paulo, por meio de conferências e semanas abertas ao público (CARBONARI e PEREIRA, 2007), neste primeiro momento as extensões não tinham nenhuma preocupação com a realidade social ao qual a



A lei nº 10.172 de 2001 do Plano Nacional de Educação por meio do Programa de Desenvolvimento da Extensão Universitária, sugere que se deve destinar pelo menos 10% do total de créditos, para a atuação dos alunos em projetos de extensão. Os projetos de extensão são alicerces fundamentais para o desenvolvimento acadêmico, mas também podem ser primordiais para a qualidade de vida da comunidade local, além de ser um precursor do desenvolvimento institucional, culminando em diversos benefícios multissetoriais.

A extensão universitária é o espaço de reflexão utilizado para repensar ações acadêmicas frente às demandas sociais, além de formar profissionais protagonistas de transformações sociais (FORPROEX, 2006). Os projetos de extensão nas áreas da saúde, promovem a integração acadêmica com a comunidade local, através dos atendimentos de saúde em suas clínicas e hospitais escola, possibilitando a prática supervisionada dos alunos, funcionando como grandes parceiros dos órgãos de saúde, desafogando o sistema público e proporcionando maior agilidade no atendimento.

As Diretrizes Curriculares para o curso de Odontologia, abordam premissas fundamentais para a formação dos cirurgiões-dentistas, para a completa formação destes profissionais de saúde bucal, eles devem ser estimulados a terem comprometimento ético e de cidadania, capacidade comunicativa, gerencial e de liderança (MEC, 2022). A inclusão de programas de extensão e estágios voluntários nas Faculdades de Odontologia, aumentam as oportunidades de os estudantes trabalharem com comunidades, favorecendo o trabalho com “pessoas” ao invés de “pacientes”, mudando o foco do serviço odontológico para uma ação mais humana e integradora (PEREIRA et al., 2016).

Os acadêmicos têm a oportunidade de vivenciar o que os espera quanto profissionais no mercado de trabalho, com a extensão podem conhecer a realidade social e da saúde da comunidade local, obrigando que ele busque mais conhecimentos para sanar as dúvidas e necessidades encontradas no campo da extensão, adquirindo habilidades e competências que não podem ser ensinadas nas salas de aula. A diversificação de cenários durante a aprendizagem trazidos pela extensão universitária, se apresenta como um importante facilitador de interações entre alunos e a comunidade (PEREIRA et al., 2011).

As universidades ainda podem usar as extensões universitárias como termômetros, que podem indicar a viabilidade dos seus cursos, interpretando se a socialização do conhecimento compartilhado nas universidades está atendendo as necessidades da sociedade, podendo desta forma interpretar os resultados e traçar estratégias para que consigam mudar este panorama.

A identificação das necessidades da comunidade através das extensões universitárias, podem ainda ser utilizados como ferramentas estratégicas para entes públicos, para que desta forma possam aprimorar os serviços prestados, promovendo ações que supram as necessidades locais.

### 2.3. Clínica Escola de Odontologia

Inicialmente foi buscada publicações relacionadas com pesquisas nesta área, porém poucos trabalhos foram encontrados, foram utilizadas como palavras-chave “cooperação clínica de odontologia”, “clínica de odontologia”, “hospital escola odontologia”, “cooperação governo-clínica escola”, “cooperação-odontologia”. As consultas foram realizadas no portal do Conselho Federal de Odontologia (CFO), portal da CAPES e portal SCIELO, além da base de dados de teses e dissertações da CAPES.

As publicações encontradas nas bases de dados, retratam em sua grande maioria assuntos relacionados a medicina e psicologia e suas referidas clínicas e hospitais escolas, enquanto os casos em que se encontravam a odontologia, em grande parte se restringiam a casos de assuntos específicos, com pouca relevância para o estudo do objeto clínica.

Uma Clínica de graduação em odontologia tem como característica proporcionar um contato direto do graduando com a população, com o intuito de estabelecer um atendimento dentro da realidade socioeconômica dos pacientes. (SOUSA et al., 2015). A clínica escola ainda possui como função o desenvolvimento dos acadêmicos e promoção à saúde, elas proporcionam práticas clínicas e contato com sua futura atuação profissional, elas ainda podem impactar a vida da comunidade local, oferecendo uma alternativa a mais para obterem acesso a tratamentos

odontológicos de qualidade e de forma acessível a todos, reafirmando a função social das universidades.

Os programas governamentais com foco na saúde bucal implementados sobretudo a partir dos anos 2000, foram estratégicos para promover a aproximação entre educação e trabalho, como as residências multiprofissionais em saúde (BRASIL, 2005). A expansão dos atendimentos em saúde bucal gerou uma necessidade na formação acadêmica, desta forma a odontologia acompanhando as mudanças de reorganização do perfil profissional do cirurgião-dentista egresso, modificou sua estrutura educacional, tornando-os aptos a atuar no SUS (WARMLING et al., 2011).

As clínicas escolas são ambientes desafiadores, pois compartilham em um único ambiente a necessidade de qualificação acadêmica com prestação de serviços à comunidade, segundo BOECKEL et al. (2010) o papel das clínicas escolas pode ser compreendido como ferramenta de formação e ação social. Os atendimentos realizados nas clínicas podem ser fundamentais para a escolha da área que o aluno deseja se especializar, pois com a vivência do atendimento, pode-se identificar os procedimentos que têm mais aptidão.

A dinâmica encontrada nos atendimentos, proporciona a junção da teoria com a prática nos atendimentos nas clínicas escolas, eles impactam diretamente na qualidade de ensino das instituições (PEREIRA ET AL., 2011). podendo ser um grande fator atrativo na captação de novos alunos, pois os atendimentos proporcionam uma expertise técnica que pode ser primordial para a inclusão do formando no mercado de trabalho.

Nas clínicas escolas de odontologia são realizados diversos atendimentos à comunidade local, eles são realizados por estudantes com a supervisão de um professor, os atendimentos no geral são realizados em duplas, onde eles revezam os atendimentos como operadores e auxiliares, para simular o que o futuro cirurgião dentista vai encontrar nos seus consultórios, onde ele terá a ajuda de um auxiliar de saúde bucal.

Os atendimentos realizados nas clínicas escolas de odontologia conseguem suprir a necessidade de atendimento de uma grande parte da população que não consegue atendimentos no SUS, o sistema público de saúde por inúmeras vezes sofre com a superlotação, desta forma as filas de atendimento se arrastam por meses, agravando em alguns casos a saúde bucal do paciente devido a longa espera.

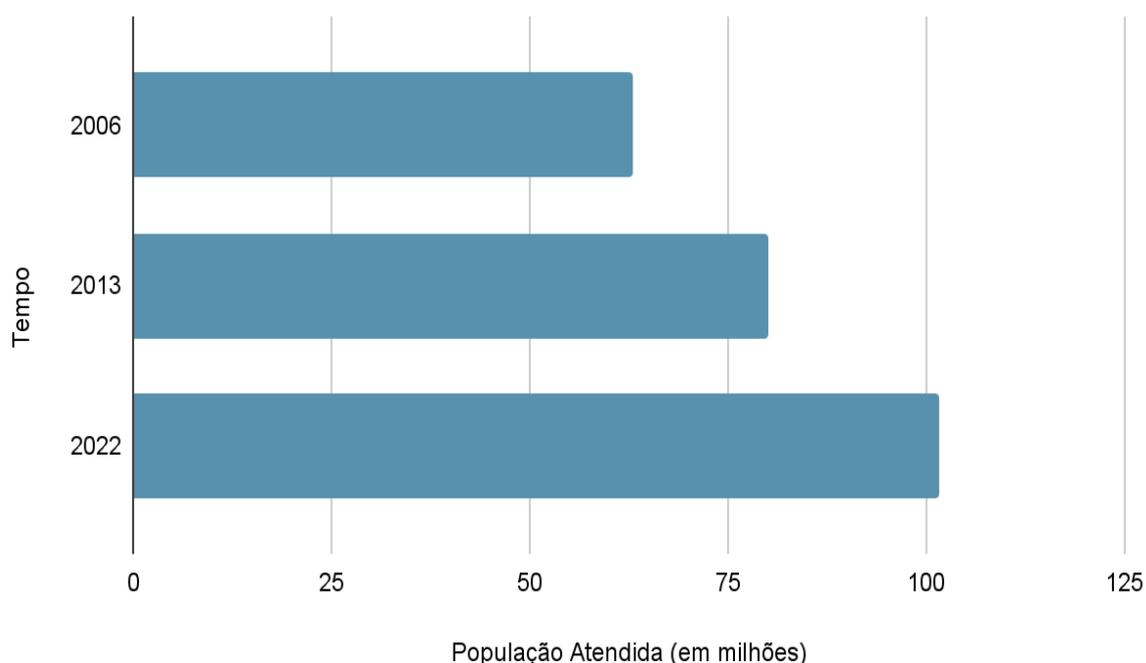
As clínicas escolas oferecem em alguns casos suporte mais ágil aos pacientes e por se tratar de um ambiente educacional o paciente também conta com uma atenção especial, pois a interação com os pacientes promove o aprimoramento profissional dos acadêmicos.

Os programas de atenção à saúde bucal no Brasil vêm crescendo ano após ano, porém ainda é ineficiente quanto ao atendimento a todos os usuários do SUS, por conta disso as pessoas precisam encontrar saídas para sanar suas necessidades de saúde, recorrendo aos atendimentos prestados nas clínicas universitárias.

O gráfico abaixo relaciona através de uma curva crescente dados estatísticos sobre o aumento dos atendimentos realizados no programa Brasil Sorridentes nos anos de 2006 a 2022, demonstrando um aumento de pouco mais de 60% na população atendida se comparado com os dados dos últimos 16 anos.

Figura 2 - Crescimento dos atendimentos do programa de saúde bucal do SUS

### Tempo (em anos) X População Atendida (em milhões)



Fonte: Ministério da Saúde (2023). Adaptado pelo autor.

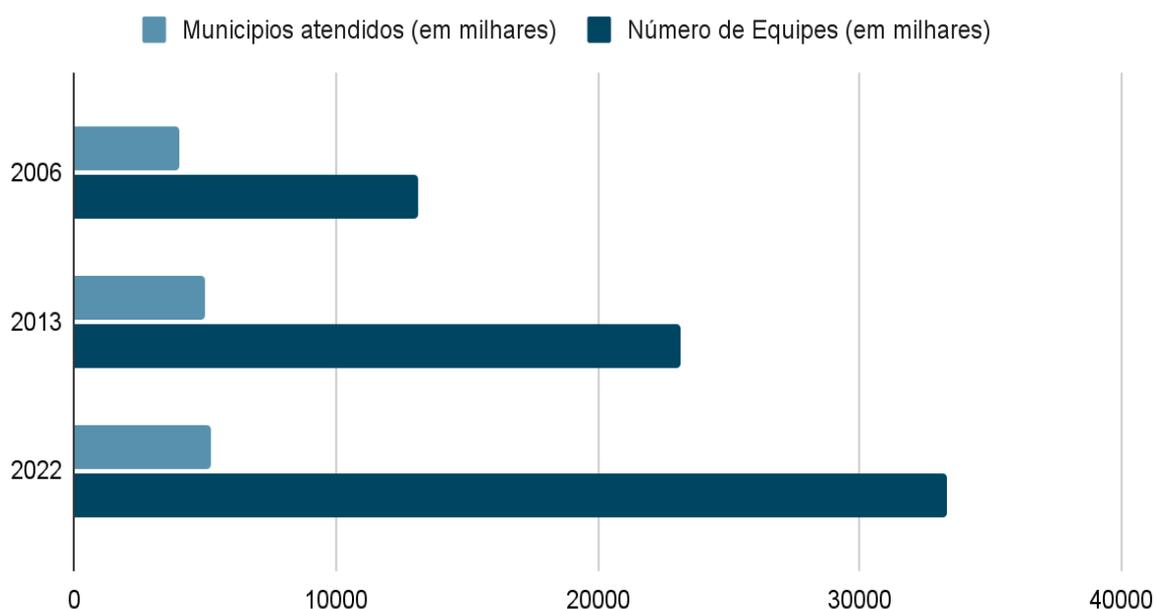
A população atendida pelo programa cresceu exponencialmente nos últimos 16 anos, chegando à marca de mais de 101 milhões de pessoas atendidas, contra as

pouco mais de 68 milhões de pessoas atendidas em 2006. O programa, porém, ainda não consegue atender mais do que 50% da população de mais de 203 milhões de pessoas (IBGE, 2023).

O gráfico abaixo relaciona através de uma curva crescente dados estatísticos sobre o aumento de municípios atendidos e crescimento de equipes que trabalham no programa realizados no programa Brasil Sorridentes nos anos de 2006 a 2022.

Figura 3 - Crescimento de municípios e equipes do programa de saúde bucal do SUS

### Crescimento de Municípios e Equipes do Programa Brasil Sorridentes



Fonte: Ministério da Saúde (2023). Adaptado pelo autor.

A quantidade de municípios atendidos pelo programa Brasil Sorridentes aumentou nos últimos anos, assim como as equipes de atendimento básico do programa também, porém o atual quantitativo ainda é insuficiente quanto aos atendimentos prestados à população, não conseguindo suprir toda a demanda.

A população brasileira cresceu cerca de 7% nos últimos 15 anos, saltando de 188 milhões de habitantes em 2006 para 203 milhões em 2022. O crescimento

populacional foi inferior ao crescimento de atendimentos do programa Brasil Sorridentes, entretanto mesmo com o crescimento exponencial do programa ele consegue atender menos de 50% da população nacional.

Os atendimentos realizados nas clínicas escolas de odontologia, podem ser divididos por especialidades (matérias específicas) ou no formato de clínicas integradas que consistem em atendimentos mais avançados, englobando todas as especialidades em uma única disciplina, além dos atendimentos de urgência que são disciplinas específicas para fazer um tratamento paliativo rápido, minimizando a dor do paciente até que ele consiga o atendimento específico para sua necessidade.

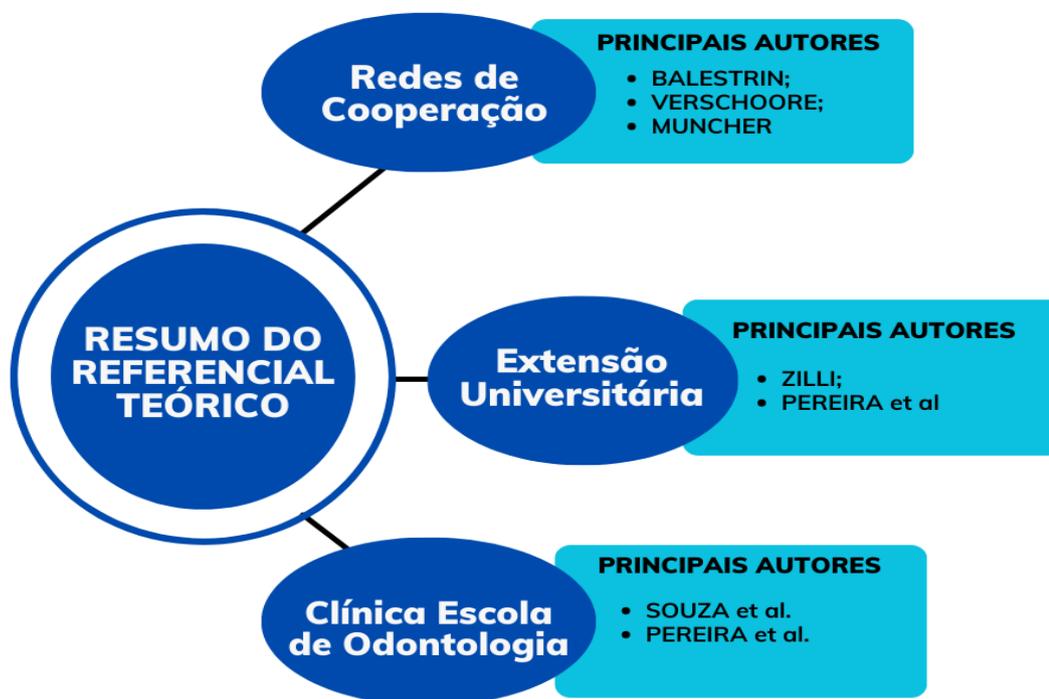
Os atendimentos requerem uma série de pré-requisitos até o aluno ter contato com um paciente, ele deve ter conhecimento teórico prévio e horas de práticas em manequim (Reis, Santos e Leles, 2011). O contato inicial com os pacientes acontece inicialmente em disciplinas “menos” complexas, mas sempre com supervisão dos docentes responsáveis e com um conhecimento teórico/prático em manequins.

Disciplinas como Biossegurança e ética profissional são uma das disciplinas cursadas previamente a qualquer atendimento com pessoas (Brasil, 2002). para que desta forma o acadêmico já tenha em mente todos os cuidados, direitos e deveres que deve ter durante suas aulas nas clínicas e nos estágios supervisionados.

O atendimento aos usuários nas clínicas universitárias deve responder a necessidade de formação e treinamento prático e técnico dos acadêmicos, sem excluir os princípios éticos e necessidade de saúde dos pacientes (SOUZA et al., 2015), às clínicas universitárias ainda buscam sobretudo melhorar a qualidade de vidas das pessoas em vulnerabilidade social, promovendo a saúde dentro e fora dos seus muros.

A figura logo abaixo ilustra um resumo do referencial teórico utilizado nesta dissertação, ela aborda os principais autores utilizados para cada tópico específico, os artigos destes autores encontram-se listados nas referências no último capítulo deste estudo.

Figura 4 - Resumo do referencial teórico



Fonte: desenvolvido pelo autor.

### 3. MÉTODO

Este capítulo apresenta a metodologia empregada na investigação científica desta dissertação, que está dividida em cinco subtópicos: 3.1 Estrutura da clínica escola de odontologia do campo de estudo; 3.2 Método de pesquisa; 3.3 Amostra de pesquisa; 3.4 Entrevistas; 3.5 Proposição e Desenvolvimento de uma Cartilha.

#### 3.1. Estrutura das Clínicas Escola de Odontologia da Unidade de Análise

A clínica escola de Odontologia da “Uni A” que é o campo de estudo do projeto está localizada em uma fazenda no sudoeste goiano, ela conta com 64 consultórios de atendimentos divididos em duas clínicas que estão localizadas em blocos distintos.

A clínica escola I, conta com 34 consultórios de atendimentos, sendo a maior entre as duas existentes na Universidade, nela contém dois aparelhos de raio x para

periapical, um raio x panorâmico, uma sala de expurgo, uma farmácia, uma sala de esterilização com autoclaves, sala de expedição, sala de imaginologia para interpretação de imagens radiográficas, 2 banheiros, mais de 100 armários com chave para os acadêmicos guardarem seus materiais.

A estrutura ainda conta com caçambas para armazenar o lixo hospitalar, laboratório de materiais odontológicos, uma recepção que conta com televisão e acomoda mais de 40 pessoas sentadas, sala de arquivo e duas mesas com computadores para recepção e área para higienização. Os ambientes são climatizados, ao todo a clínica escola I, conta com mais de 25 aparelhos de ar-condicionado instalados em diversos pontos.

A clínica escola II, está localizada em um prédio exclusivo sua estrutura externa possui um paisagismo singular e amplo estacionamento próprio, na área interna do prédio, a recepção está localizada na entrada com espaço amplo e arejado, ela tem capacidade para comportar 40 pessoas sentadas, conta com televisão, bebedouros refrigerados, sala de arquivo, dois banheiros e duas mesas com computadores para funcionários da recepção.

A área de atendimentos clínicos conta com 30 consultórios de atendimentos, uma central de esterilização com duas autoclaves, sala de expurgo, farmácia, expedição, sala da coordenação, dois banheiros, mais de 100 armários para uso dos acadêmicos e outros 40 armários para uso exclusivo dos professores e funcionários, conta ainda com uma sala de próteses com equipamentos para confecção e manutenção de próteses dentárias, uma sala de higienização e almoxarifado de produtos de limpeza.

A estrutura das clínicas escolas ainda se estendem a um caminhão odontológico, que conta com dois consultórios de atendimento completos, que são utilizados para levarem os atendimentos da clínica e seus acadêmicos, a eventos promovidos pela Universidade em comunidades distantes, a fim de promover a saúde além de seus muros, reforçando a função social da Universidade, além de promover a participação de seus acadêmicos em ações sociais, vale ressaltar que todos os atendimentos são realizados gratuitamente.

### 3.2. Método de pesquisa

O presente estudo busca compreender toda a complexibilidade envolvida nos contextos abordados, dando ênfase na conduta e na função social do case da pesquisa, para isto foi escolhida a análise qualitativa. O estudo qualitativo permite ao pesquisador explorar indivíduos ou organizações, comunidades ou programas, relacionamentos simples ou complexos (Yin, 2010). Ainda segundo Denzin e Lincoln (2000), o estudo qualitativo tem ênfase na qualidade das organizações e dos processos, reforçando a natureza das realizações sociais construídas.

O estudo de caso é a metodologia escolhida para a pesquisa, pois através dele poderemos investigar fenômenos já existentes em uma organização específica, buscando evidenciar através deste estudo, um olhar mais profundo em relação ao contexto real, permitindo compreender todo o processo e suas especificidades.

Segundo Eisenhardt e Graebner (2007), o estudo de caso é o método mais adequado para aprofundar a análise de um fenômeno, ampliando a visão sobre ele e explorando fatores que ainda não foram contemplados em pesquisas pgressas. Desta forma, esta é a estratégia mais adequada para conseguir alcançar os objetivos propostos por este projeto.

A análise qualitativa exploratória foi escolhida por permitir uma análise mais profunda de várias fontes, como o levantamento bibliográfico, coleta de dados através de entrevistas, pesquisas de campo e observação. Segundo Gil (2017), as pesquisas exploratórias buscam observar e compreender os mais variados aspectos sobre determinado fenômeno, elas ainda possuem como característica a flexibilidade em seu planejamento e a busca por fatos ainda pouco estudados.

A definição do campo de estudo pode ser tida como o objeto ou eventos que as pesquisas sociais se referem, demonstrando quem ou o que deverá ser analisado, descrito ou comparado (Siglenton, 1988). O campo de estudo é uma clínica escola de odontologia de uma universidade que iremos chamar de “Uni A”, ela está localizada na região sudeste do Estado de Goiás, a “Uni A” conta com duas clínicas escola de odontologia, sendo que elas possuem quarenta e quatro (44) cadeiras odontológicas e fazem cerca de duzentos (200) atendimentos semanais.

A “Uni A” realiza os mais diversos atendimentos divididos por especialidades, fazendo atendimentos gratuitos desde procedimentos simples como uma limpeza até

os mais complexos como os implantes odontológicos, os acadêmicos realizam os atendimentos clínicos com pacientes a partir do 5º período, todos os procedimentos estão sob a supervisão dos professores.

A abordagem qualitativa na seleção dos participantes entrevistados tem por objetivo explorar uma gama de depoimentos, realizar análises de conteúdo e aprofundar nas relações e nas representações que um problema pode gerar (GASKELL, 2000). A análise dos dados é um passo fundamental para se obter êxito na análise qualitativa, sendo essencial a adoção de critérios que possam fundamentar a pesquisa.

O critério de saturação dos dados foi escolhido como base para analisar as entrevistas, a expressão saturação utilizada na pesquisa qualitativa considera que, quando se coletam dados, ocorre uma transferência de significações psicoculturais de seu meio original, de indivíduos ou grupos, para outro meio, aquele do pesquisador (FONTANELLA; JUNIOR, 2012).

O conceito de saturação advém das ciências naturais sobretudo da Química e Física onde a saturação quer dizer que é o máximo de substâncias que determinado solvente consegue absorver em dada temperatura (THIRY-CHERQUES, 2009). Segundo Glaser e Strauss (2006) o momento em que o investigador percebe que foram sanadas as lacunas da sua teoria se obtém a saturação dos dados.

A saturação dos dados tem por conceito designar o momento em que o acréscimo de dados e informações em uma pesquisa científica não altera a compreensão do fenômeno estudado (THIRY-CHERQUES, 2009). Ela é utilizada em pesquisas que é desnecessário ou impossível mensurar por probabilidade a amostra, entretanto ainda deve haver a observância de satisfação de objetivos pré-estabelecidos, que após responder às exigências lógicas pode ser suspensa.

O quadro 4 apresenta quatro fases distintas que foram utilizadas para identificar a saturação dos dados durante a investigação científica, para que assim conforme Hoffmann (2018) fosse realizada a coleta e análise de dos dados de forma concomitante, representando uma alternativa eficaz para estudos com uma população extensa.

Quadro 4 - Fases para identificação da saturação dos dados

<b>Fases</b>	<b>Características</b>
Definir as categorias de análise dos dados	Selecionar os termos que representam o objetivo da pesquisa.
Definição de critérios para organização da amostra de pesquisa.	Organizar os candidatos que atendem aos mesmos pré-requisitos para que assim os dados coletados possam ser agrupados em semelhantes, de acordo com o objetivo.
Identificação de novos elementos X dados teóricos existentes.	Levantar os dados que são relevantes para a pesquisa e organizá-los conforme a necessidade do estudo.
confirmar o ponto de saturação em cada categoria	O ponto de saturação é analisado para que não haja duplicidade de dados e assim consiga sanar as condições imputadas neste trabalho.

Fonte: Hoffmann et al., (2018) adaptado pelo autor

As entrevistas semiestruturadas com os 3 principais grupos envolvidos nos atendimentos realizados nas clínicas escola de odontologia são necessários para entender a complexibilidade dos serviços prestados e a influência exercida sobre a comunidade, sobre o desenvolvimento dos acadêmicos, e como para compreensão da sua importância sobre a ótica de um profissional da saúde inserido no sistema educacional (docente), Segundo Lima et al. (1999), na entrevista semiestruturada o participante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências, a partir do foco principal proposto pelo pesquisador.

As entrevistas qualitativas podem oferecer riscos e devem ser pautadas respeitando a integridade dos entrevistados. Os códigos de ética como a resolução nº 510 de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e a Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012, tem por finalidade dispor de normas aplicáveis a pesquisas, buscando minimizar os riscos oriundos da pesquisa, para que desta forma não ofereça ameaças maiores que as já existentes em seu cotidiano.

É impossível afirmar que a entrevista é isenta de riscos, independente da estruturação do questionário aplicado (SIONEK; ASSIS; FREITAS, 2020), cada pessoa tem sua particularidade por conta disso é impossível prever como será a reação dos entrevistados ao relatar suas experiências, desta forma é imprescindível

que o entrevistador seja o mais ético possível para preservar a integridade do indivíduo.

Os riscos inerentes a pesquisa consistem basicamente em riscos de origem psicológica como: Exposição de trechos da fala do participante na pesquisa podendo desta forma causar dissabores; desconforto devido ao tempo gasto na entrevista ou ao relatar alguma situação desgastante; possibilidade de constrangimento ao responder a entrevista; invasão de privacidade uma vez que as perguntas são pessoais.

Para mitigar os riscos às entrevistas foram realizadas de forma individual minimizando desconfortos e exposição; as gravações utilizaram filtro de voz para que desta forma não fosse possível identificar os participantes pela voz. Os participantes tiveram a possibilidade de desistir da entrevista a qualquer momento.

A abordagem dos participantes foi realizada na clínica escola de odontologia com os seus frequentadores. A seleção dos participantes determinando sua inclusão e exclusão foi realizada do seguinte modo:

- Professores – os professores que foram selecionados são os que atuam no atendimento a pacientes seja na clínica ou seja nos projetos de extensão realizados pela faculdade nos últimos 6 meses, foram excluídos todos aqueles que não atenderam aos pontos citados anteriormente.
- Acadêmicos – os acadêmicos selecionados foram aqueles que fizeram atendimentos nas clínicas a partir do 5º período e aqueles que fizeram algum tipo de projeto de extensão ou estágio extramuros, os participantes excluídos da pesquisa foram todos aqueles que não atenderem aos requisitos anteriores.
- Paciente – Foram escolhidos aqueles que estavam sendo atendidos na clínica escola de odontologia e que anteriormente foram atendidos em algum evento da universidade ou por acadêmicos da universidade em suas extensões, ou aqueles que foram atendidos anteriormente em algum posto de saúde público. foram excluídos desta pesquisa todos aqueles que não atenderem aos requisitos citados anteriormente.

As diversas informações que foram coletadas neste estudo de caso, necessitaram de uma organização e análises aprimoradas, que conseguissem suprir

a grande demanda de dados, desta forma foi escolhida a análise de conteúdo para esta tarefa. A análise de conteúdo é caracterizada por um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos diversificados (Bardin, 1977). Segundo Ander-Egg (1978), a análise é dividida em 3 fases, o estabelecimento da unidade, determinação das categorias e seleção amostral do material.

### 3.3. Amostra de Pesquisa

A população é um conjunto de indivíduos ou objetos que apresentam em comum determinadas características definidas, enquanto a população alvo é aquele sobre a qual faremos inferências baseadas na amostra (CORREA, 2003). A população alvo ou amostra de pesquisa tem como características os atendimentos odontológicos realizados em clínica escola de odontologia.

A amostragem é o processo pelo qual se estabelecem critérios de seleção e análise da fração da população que servirá para o estudo (FRICKE, 2009), a amostra não contemplará toda a população do local, mas apenas aqueles que atenderem requisitos pré-estabelecidos, os resultados obtidos nestas amostras são projetados para a totalidade, o método qualitativo da saturação de dados foi usado para obter o momento de cessar as entrevistas pois não havia novos dados para serem analisados.

O perfil da população desta pesquisa está constituído por pacientes que frequentam os atendimentos na clínica escola de odontologia e que foram atendidos anteriormente em algum posto de saúde pública ou que tenham sido atendidos em algum projeto de extensão da universidade, ainda foram contemplados os pacientes que vieram a conhecer o atendimento prestado na clínica através de pacientes que estão ou já estiveram em atendimento.

Os alunos contemplados nesta pesquisa são os acadêmicos do curso de graduação em odontologia da UniA que cursam entre o 5º período e 10º período, como pré-requisito eles devem ter realizado atendimentos na clínica escola de odontologia ou que participam de projetos de extensão e estágios extramuros.

A última porção da amostra é constituída pelos docentes do curso de graduação e especialização em odontologia, os pré-requisitos são que eles devem ter ministrado aulas práticas com atendimento a pacientes na clínica escola ou estiverem

envolvidos em atividades extramuros com atendimento a pacientes, ou estejam alocados como coordenadores em estágio extramuros.

Problemas dessa natureza podem ser resolvidos pelo cientista, ele pode se valer de numerosos percursos metodológicos, os quais devem ser selecionados em função do problema que motivou a investigação (CARRARA, 2014). Este trabalho conta com uma estimativa não probabilística, ou seja, não há maneira de estimar a probabilidade de um elemento da população ser incluído na amostra (CHURCHILL, 1999). Os participantes foram escolhidos por disponibilidade no local desde que atendessem aos requisitos pré-estabelecidos.

#### 3.4. Entrevistas

As entrevistas foram realizadas na própria clínica, realizadas de forma individual, exceto com os alunos que aceitaram fazer um grupo focal. Foi realizada a gravação dos áudios das entrevistas através do Microsoft Teams para facilitar a transcrição e assim serem utilizadas para obter dados analisáveis para obter o resultado da pesquisa.

As gravações e o TCLE assinado pelos participantes ficaram armazenadas com o pesquisador por 5 anos conforme Resolução 466/2012 do CNS (BRASIL, 2013), eles ficaram arquivados em um drive pessoal de acesso e uso exclusivo pelo pesquisador, podendo conter trechos transcritos das falas divulgadas na pesquisa, porém sem nenhuma identificação do participante

As entrevistas qualitativas oferecem aos pesquisadores oportunidades para explorar, de forma aprofundada, questões que são peculiares às experiências dos entrevistados, permitindo insights sobre como diferentes fenômenos de interesse são vivenciados e percebidos (MCGRATH; PALMGREN; LILJEDAHL, 2019). A entrevista é uma técnica especialmente útil para investigar o comportamento e a subjetividade humana (GUAZI, 2021).

A entrevista é uma técnica de coleta de dados onde seu emprego envolve planejamento minucioso e a aplicação de um conjunto de procedimentos específicos (GUAZI, 2021). É importante que haja uma preparação precisa por parte do

entrevistador, ela não deve ser subestimada e deve incluir uma preparação conceitual e prática (BRINKMANN, 2014).

A entrevista semiestruturada tem como característica a elaboração de um roteiro formado por questões abertas e que devem ser aplicadas a um grupo específico (MANZINI, 2012). Por meio das entrevistas, é possível coletar dados a respeito do que as pessoas fazem, o que sentem e identificar tendências de se comportar de determinada forma, entre tantas outras possibilidades (GUAZI, 2021).

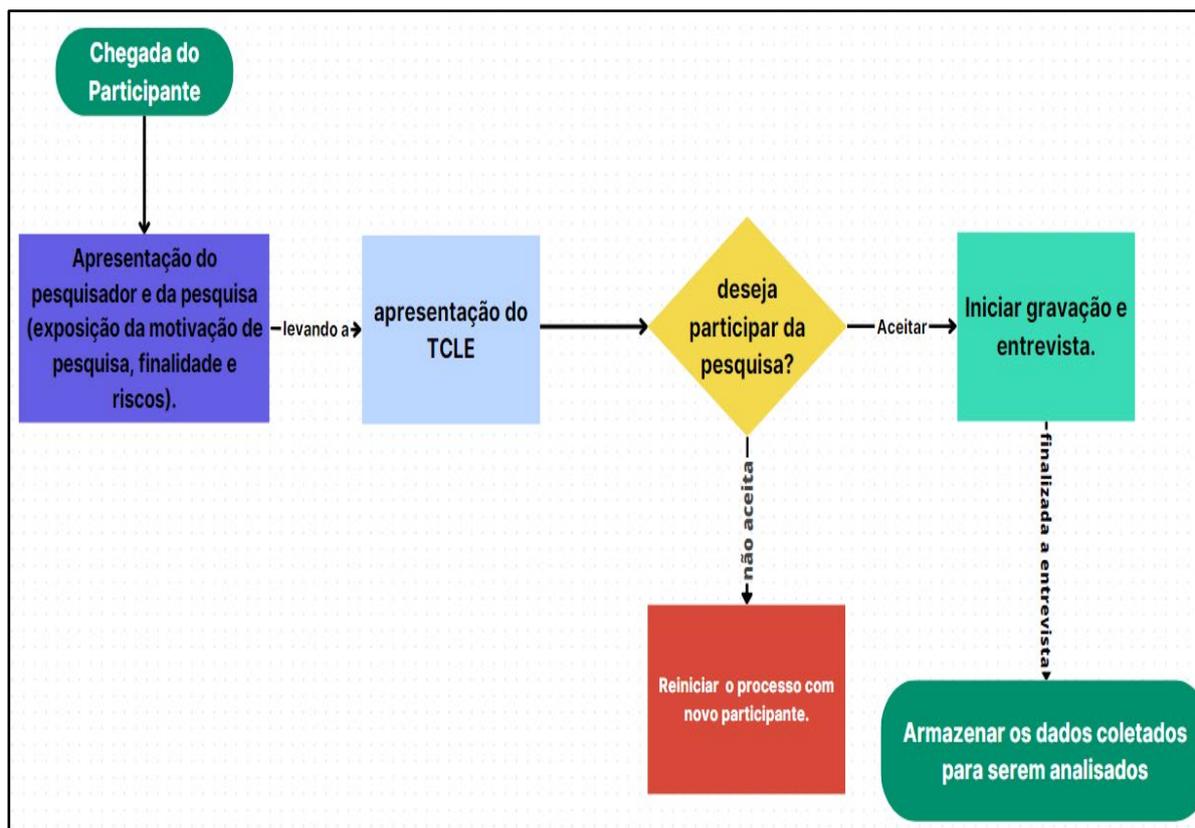
O entrevistador deve considerar as dimensões éticas, incluindo apenas os participantes que forem realmente necessários e que possuam percepções ou experiências sobre o fenômeno pesquisado (MCGRATH; PALMGREN; LILJEDAHN, 2019). As entrevistas semiestruturadas se organizam em torno de questões estabelecidas previamente (DICICCO-BLOOM; CRANTREE, 2006).

A delimitação das questões que foram abordadas durante as entrevistas semiestruturadas tiveram grande importância para entender a visão do entrevistado de determinado assunto. O roteiro deve incluir apenas as perguntas por meio das quais serão coletados os dados que possibilitam a resolução do seu problema de pesquisa (GUAZI, 2021).

O comportamento do entrevistador não deve interferir na fala do entrevistado, desta forma a entrevista teste foi fundamental para o aprimoramento do comportamento do pesquisador ao realizar a entrevista. É importante que o entrevistador preste atenção no seu próprio comportamento e como isso gera efeitos no comportamento do entrevistado (GUAZI, 2021).

A organização de como foi realizada a abordagem do participante e o passo a passo que deve ser seguido para realizar uma entrevista com a menor interferência possível de agentes externos que possam influenciar o participante é fundamental para o sucesso do projeto. A figura 5 traz um fluxograma do passo a passo de como foram realizadas as entrevistas, abordando possíveis desistências e passos posteriores ao aceite de ser voluntário na pesquisa.

Figura 5 - Fluxograma de abordagem para entrevistas.



Fonte: Desenvolvido pelo autor.

O primeiro contato com os participantes foi essencial para desenvolver a confiança entre pesquisador e entrevistado, neste primeiro momento foram repassadas informações sobre o porquê da pesquisa. É fundamental apresentar todas as informações que tornem possível ao seu contratado tomar uma decisão informada sobre participar ou não da pesquisa (DEJONCKHEERE; VAUGHN, 2019). informações de utilização de dados coletados e como serão armazenados foram transmitidos aos voluntários de forma clara.

A apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi realizada logo no começo da abordagem. O documento deve abordar informações precisas e claras sobre os riscos da pesquisa, possíveis benefícios e procedimentos, além de abordar os direitos do participante (SOUZA et al, 2013). As informações foram redigidas no TCLE para serem de fácil compreensão para que não gerem dúvidas ou dificulte o entendimento do participante.

O TCLE deve ser aplicado de forma ética, garantindo a segurança do participante e seguindo às normas legais e adequando o documento à amostra de

pesquisa, promovendo o respeito aos direitos humanos (SOUZA et al, 2013). O documento foi desenvolvido para ser objeto de inclusão dos voluntários, uma vez que a amostra de pesquisa é ampla, abrangendo a diversidade sem discriminação.

Buscando uma visão da comunidade foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os pacientes atendidos na clínica, as entrevistas buscaram entender quais impactos os atendimentos trouxeram para sua qualidade de vida, como conheceram o atendimento, como foram suas experiências e qual visão passaram a ter da universidade após os atendimentos.

Os Grupos focais com os alunos foram importantes para compreender as demandas e atratividade dos atendimentos na sua formação e atração para instituição, os grupos focais propiciam debates abertos sobre um assunto de interesse mútuo entre os participantes (Gaskell, 2002). Os grupos focais foram compostos por grupos com 4 integrantes cada um, compreendendo alunos do último período, do quinto período que é o primeiro a ter atendimento com pacientes e de alunos que façam estágio extramuros. Os grupos focais buscam propiciar um debate aberto e acessível em torno de um tema de interesse comum aos participantes.

O pesquisador foi o mediador do grupo focal, sendo o responsável pelo direcionamento das discussões e por atacar questões chave da pesquisa, deixando os participantes livres para debaterem e expressar suas ideias. A duração média dos encontros foi de 25 minutos esse tempo exclui o período de apresentação formal dos participantes e do TCLE.

O quadro abaixo detalha como foi realizada a divisão da amostra de pesquisa em grupos e qual o quantitativo de participantes.

Quadro 5 - Quantidade de participantes entrevistados

QUANTIDADE DE PARTICIPANTES ENTREVISTADOS		
GRUPO ENTREVISTADO	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES EXCLUÍDOS
Pacientes	11	5
Acadêmicos Entrevistados Individualmente	5	2
Quantidade de Grupos Focais	2	0
Acadêmicos em Grupos Focais	8	0
Docentes	6	1

Fonte: Desenvolvido pelo autor

A participação do voluntário está condicionada ao aceite ou não da participação na pesquisa, ela não impacta de forma positiva ou negativa para os envolvidos, não estando atrelada a nenhum tipo de vantagem ou desvantagem como demonstrado no fluxograma. Os dados que foram utilizados na pesquisa foram apenas dos que aceitaram participar respondendo as questões e os termos do TCLE, por se tratar de uma pesquisa qualitativa de saturação de dados.

### 3.5. Proposição e Desenvolvimento de uma Cartilha

A cooperação entre universidades e entidades públicas e privadas é uma pauta recorrente em publicações acadêmicas e círculos profissionais. Essa interação atua como uma ponte que conecta o campo teórico ao prático, unindo forças por meio de ações coordenadas com o intuito de perseguir um ideal comum. Sobretudo, quando essa colaboração é aplicada ao setor da saúde, ela adquire um potencial ampliado de impacto, podendo proporcionar benefícios substanciais às comunidades locais.

A proposição e desenvolvimento de uma cartilha de orientação representa uma iniciativa estratégica crucial para instituições que buscam estabelecer parcerias entre

diferentes atores, segundo Dias, (2018) As cartilhas com objetivos concretos e contextualizados, estimula a criatividade e o raciocínio, ajudando a desenvolver a criatividade e senso crítico sobre o assunto. Nesse contexto, a cartilha de cooperação é um norteador que direciona decisões fundamentais, orientando o desenvolvimento de colaborações que possam resultar em benefícios mútuos. Através da abordagem estruturada apresentada pela cartilha, a exploração de recursos, tecnologia e conhecimento científico é otimizado, proporcionando um Alicerce sólido para o alcance de objetivos conjuntos.

A utilização de alguns conceitos da metodologia do Design Science Research (DSR) contribuiu para a concepção da cartilha instrucional. O DSR envolve pessoas, organizações e tecnologias, que podem ou não serem planejadas para criação de novos artefatos (CORDEIRO, 2022), desta forma a aplicação dos conceitos pode englobar uma larga paleta de pesquisas e adaptação de dados.

O (DSR) é uma metodologia usada para identificar soluções inovadoras e mais eficientes para problemas, que são solucionados através da criação de artefatos e da sistematização de processos (JESUS, 2023). Esta cartilha busca fornecer orientações claras e práticas para facilitar a criação e a gestão de colaborações bem-sucedidas, promovendo assim o crescimento e o desenvolvimento tanto das instituições quanto das comunidades em que estão inseridas.

O processo de criação da cartilha é impulsionado por uma análise criteriosa de artigos relevantes, visitas de campo e avaliação aprofundada de uma universidade selecionada como estudo de caso. Através dessa abordagem, é possível identificar a necessidade premente de fornecer orientação sólida sobre a importância intrínseca de promover a cooperação efetiva entre universidades e entidades públicas e privadas.

A fundamentação desta iniciativa reside na promoção do bem social, especialmente no que tange aos serviços de saúde bucal oferecidos às comunidades. Contudo, a visão se estende além, abraçando também os benefícios individuais que cada ente poderá colher ao longo dessa jornada colaborativa.

Uma cartilha direcionada para a promoção da cooperação entre universidades e entidades públicas e privadas desempenha um papel fundamental, fornecendo diretrizes concretas que orientam ações coordenadas na direção de parcerias institucionais de sucesso. Além disso, essa ferramenta também cumpre o importante

papel de ilustrar tanto os benefícios inerentes quanto os desafios potenciais encontrados durante o processo de colaboração. Isso permite que os envolvidos tenham uma visão abrangente e realista do que podem esperar, incentivando a aprendizagem contínua e a adaptação.

Uma das maiores vantagens da implementação de uma cartilha prescritiva é a capacidade de promover a melhoria contínua dos processos. Os conceitos delineados na cartilha podem ser repetidos e internalizados, diminuindo a distância entre o planejamento estratégico e a execução prática. Isso resulta não apenas em uma implementação mais eficiente, mas também em um sistema mais ágil e adaptável, capaz de responder prontamente a mudanças e desafios inesperados.

No cerne da concepção dessa cartilha de cooperação está relacionada à intenção de criar uma ferramenta multifacetada. A cartilha não apenas fornece diretrizes claras para ações simultâneas, mas também assume um papel educativo. Ela oferece um panorama dos benefícios e desafios que surgem, equipando os envolvidos com um entendimento profundo do que está por vir.

Através da promoção da transparência das ações tomadas, a cartilha desempenha um papel crucial na construção da confiança entre as partes envolvidas, ela ainda tem o potencial de desencadear um impacto transformador, proporcionando um caminho claro para alcançar metas ambiciosas que possam levar ao crescimento sustentável e ao sucesso das organizações parceiras.

A criação de uma cartilha de orientação representa muito mais do que um simples compêndio de informações. Ela é como uma estratégia básica que guia ações coordenadas em direção a parcerias frutíferas e rigorosas. Essa cartilha preenche uma lacuna, fornecendo diretrizes práticas, ilustrando benefícios e desafios, promovendo a melhoria contínua e fomentando a transparência das ações, podendo gerar um impacto significativo nas organizações e na comunidade local, contribuindo para desenvolver um futuro mais promissor, onde a colaboração possa resultar em vantagens competitivas para as organizações e melhor a saúde da comunidade ao qual está inserida.

#### 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Os dados compilados, que estão meticulosamente descritos a seguir, abordam um conjunto fundamental de informações que lançam luz sobre o cerne do propósito de nossa pesquisa. Coletados no intervalo dos anos de 2021 até o primeiro semestre de 2023, esses dados abrangem um espectro diversificado de fontes, incluindo visitas de campo, estudos de caso e relatos detalhados de entrevistas. Essa amálgama de métodos de coleta não só resultou em um panorama holístico, mas também enriqueceu nosso entendimento sobre o ambiente que circunda o escopo da pesquisa.

A instituição de ensino “UniA” realizou através da sua Clínica Escola de Odontologia nos últimos dois semestres acadêmicos (2022/2 e 2023/1) mais de 12 mil atendimentos, eles abarcam um leque diversificado de especialidades odontológicas. O escopo desses serviços abrange desde as limpezas de rotina até procedimentos mais complexos, tais como restaurações, tratamentos de canal, biópsias, confecção de próteses, procedimentos de pino, coroa e até mesmo implantes dentários.

Os serviços prestados pela Clínica Escola de Odontologia podem ser apontados como uma resposta eficaz à demanda por atendimentos odontológicos na comunidade local, além disso a Clínica Escola de Odontologia da UniA se insinua como um parceiro intrínseco dos órgãos públicos de saúde. Sua colaboração fortalece a infraestrutura de cuidados odontológicos da região, contribuindo para o avanço da qualidade de vida da população. O compromisso não se limita à assistência odontológica dentro dos muros da universidade, mas se estende para além através dos seus atendimentos em espaços de saúde municipais ou através dos seus projetos de extensão com sua unidade móvel de saúde bucal.

Assim, à medida que ressaltamos a trajetória e o impacto da Clínica Escola de Odontologia da UniA, é evidente que sua influência não se delimita às salas de atendimento, ela transcende as fronteiras físicas da universidade, carregando seu nome e valores para além de seus muros. Ao mesmo tempo que contribui para a saúde bucal, ela também esculpe um legado de compromisso social.

O quadro abaixo faz uma exposição dos dados de referencial teórico e os dados colhidos durante o presente trabalho.

Quadro 6 - Comparativo entre Teoria x Realidade

Vantagens/ Dificuldades	Impacto (Teórico)	Autor	Impacto (Obtido na pesquisa)
Facilitar o acesso aos clientes	Os clientes são os alunos e pacientes, com a participação dos entes públicos a captação de novos pacientes é facilitada e isso gera mais atendimentos para os alunos, beneficiando seu aprendizado.	Verschoore e Balestrin, 2008; Neto, 2005; Muncher, 2018.	O acesso a novos alunos é impulsionado pelo volume de atendimentos realizados nas clínicas, enquanto o volume de atendimentos é exponencial graças à cooperação existente com órgãos externos sejam eles públicos ou privados.
Divisão de Riscos	A cooperação diminui os riscos quanto à falta de atendimento à população para a rede pública e quanto à deficiência de aprendizagem pela falta de pacientes da Universidade.	Verschoore e Balestrin, 2008; Neto, 2005; Muncher, 2018.	A cooperação diminui os riscos de falta de mão de obra qualificada para suprir a demanda de atendimentos da rede pública, enquanto a queda do risco de falta de material humano para estudos é suprida pelos pacientes encaminhados para os atendimentos nas clínicas universitárias.
Aprimoramento da qualidade dos serviços prestados	A vivência com diferentes profissionais da saúde, assim como a diversidade de atendimentos, traz benefícios para o aprimoramento dos serviços.	Verschoore e Balestrin, 2008; Neto, 2005; Muncher, 2018.	As atividades extramuros além de atender aos requisitos obrigatórios por lei das extensões universitárias, ainda surgem como mecanismo para aprimoramento e desenvolvimento de competências fundamentais para os futuros profissionais da saúde.

<p>Alcance da marca no mercado</p>	<p>A colaboração da Universidade com entes públicos e privados, leva o nome da universidade a locais distantes dos seus muros, desta forma a visibilidade da marca aumenta, atraindo novos alunos</p>	<p>Verschoore e Balestrin, 2008; Neto, 2005; Muncher, 2018.</p>	<p>Através dos atendimentos realizados nas clínicas a marca da universidade é levada a ambientes que até então ela era desconhecida, os maiores propagadores são os pacientes que levam a marca para outras pessoas, demonstrando o contentamento ou até o descontentamento, ampliando o alcance da marca na sociedade.</p>
<p>Longevidade das redes de cooperação</p>	<p>Falta de continuidade das políticas públicas de incentivo às parcerias com as universidades e empresas.</p>	<p>LAIMER, 2013</p>	<p>A falta de continuidade de ações públicas diminui consideravelmente a chance de se formar uma rede de cooperação formal com os órgãos públicos, desta forma a cooperação se estabelece na base da confiança e em grande parte das vezes informalmente.</p>
<p>Tempo para obtenção de resultados.</p>	<p>Diferença de tempo para obtenção de resultados, onde a universidade tem um tempo de retorno maior que as empresas têm para gerar lucro.</p>	<p>SANTOS, 2016</p>	<p>O retorno universitário é a longo prazo, levando em média 4 anos para formar profissionais que vão levar ao mercado sua excelência na formação, atraindo novos clientes e engajando novas parcerias, esse tempo pode ser longo demais para empresas que visam a cooperação como forma de impulsionar o crescimento das suas empresas.</p>
<p>Filosofias diferentes</p>	<p>Diferenças de filosofia, elas dificultam encontrar um meio termo entre</p>	<p>MELO, 2002</p>	<p>Encontrar um meio termo em que ambas as filosofias das empresas possam coexistir é uma dificuldade, pois o papel das</p>

	divulgação científica (universidade) e manter sigilo sobre produção intelectual (empresas), que foram desenvolvidas em conjunto.		universidades é difundir conhecimento, enquanto as organizações privadas é usar o conhecimento em benefício próprio para entregar produtos cada vez mais exclusivos diferenciando-a no mercado. As organizações públicas ainda querem usar as descobertas em benefício da população e também para obter aprovação da sociedade.
--	--	--	---

Fonte: Desenvolvido pelo autor

#### 4.1. Contexto dos Atendimentos na Clínica Escola de Odontologia

O método de entrevistas emergiu como uma das fontes primordiais de pesquisa, instrumental para a compreensão do significado intrínseco dos atendimentos oferecidos em clínicas escolares de odontologia para os voluntários envolvidos. Essa abordagem permitiu uma exploração aprofundada das necessidades atendidas por esses serviços, enquanto também identificou a maneira pela qual eles podem operar como fatores corporativos substanciais, contribuindo de maneira essencial para o desenvolvimento e progresso da organização

A educação dos profissionais de saúde deve ser capaz de realizar vivências essenciais ao aprendizado do que será encontrado no ambiente público de saúde (NETA e ALVES, 2016). O aprendizado extramuros e os atendimentos realizados com pacientes reais são fundamentais para o desenvolvimento profissional e humano dos acadêmicos de odontologia.

Os atendimentos prestados à comunidade exercem uma função social crucial que transcende os próprios serviços oferecidos. O envolvimento da universidade nos contextos sociais estreita laços com a sociedade. Além de sua função primordial de disseminar conhecimento, as instituições de ensino superior podem se tornar verdadeiros agentes transformadores, moldando a imagem da universidade e elevando-a ao status de centro de referência.

A amplitude dessa contribuição se estende para além da academia, reverberando em diversas esferas da sociedade. Ao se engajar em programas de atendimento à comunidade, as universidades demonstram seu compromisso com o bem-estar social e com a formação de cidadãos conscientes. Isso, por sua vez, fortalece a imagem da instituição e sua relevância em um mundo em constante transformação.

A aproximação entre a comunidade acadêmica e a educação superior merece atenção especial, uma vez que essa relação possui múltiplas dimensões. Além do impacto social, essa interação também desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos acadêmicos como futuros profissionais. Ao permitir que eles experimentem cenários reais que irão enfrentar em suas carreiras, a universidade os prepara de maneira mais eficaz para os desafios do mundo profissional.

Esse contato direto com situações do cotidiano profissional não apenas enriquece a experiência educacional, mas também promove uma assimilação mais profunda do conteúdo acadêmico. Os alunos aplicam o conhecimento teórico em contextos reais, o que reforça a sua compreensão e habilidades práticas. Dessa forma, a universidade assume um papel de especialização para o crescimento profissional, contribuindo para a formação de profissionais mais competentes e preparados.

#### 4.1.1. Estrutura de outras Clínicas de Odontologia Observadas

Como forma de obter dados de outras instituições de ensino, para que assim pudessem ser confrontadas com a realidade da instituição que é a unidade de análise, realizou-se diversas buscas na internet e através de visitas de campo a outras instituições de ensino que contam com clínicas escolas de odontologia, nas visitas realizadas remotamente algumas delas descreviam a clínica, outras contavam com fotos e foram também visitadas in loco, pelo pesquisador outras duas clínicas de outras universidades, para que pudessem ser feitos levantamentos de suas estruturas.

A estrutura básica das clínicas escola de odontologia observadas são iguais, elas contam com recepção, sala de esterilização com autoclaves, almoxarifados,

banheiros e consultórios de atendimentos, algumas contam com atendimentos gratuitos e outras com atendimentos pagos, porém com valores simbólicos, outras restringem seus atendimentos exclusivamente para quem tem cadastro no CadÚnico que é um programa de coleta de dados do governo que cadastra famílias de baixa renda a fim de promover a inclusão em programas sociais (BRASIL, 2022)

Algumas das universidades pesquisadas não contemplam atendimentos em duplas para seus alunos devido à falta de cadeiras odontológicas, desta forma os atendimentos ocorrem em trio e algumas vezes até mais alunos por cadeira, desta forma dificultando o aprendizado dos alunos, pois eles necessitam de muitos atendimentos para serem o operador do atendimento.

Entre todas as instituições pesquisadas vale destacar duas universidades, uma por ter uma ótima estrutura e grande quantidade de atendimentos, além de ótima qualidade de atendimentos com muitos serviços prestados que vamos chamar de “UNI X” e outra por não ter uma estrutura fixa, ter uma quantidade de atendimentos pequena e com poucos serviços prestados se comparado às demais, que vamos chamar de “UNI Y”.

A “UNI X” conta com uma estrutura com 104 consultórios de atendimento espalhados por 4 clínicas, uma recepção ampla com capacidade para 70 pessoas sentadas, laboratório de gesso, central de esterilização com autoclaves, sala de expurgo, 2 banheiros com vestiários e armários para os alunos, sala de imagiologia, sala de coordenação, centro radiográfico e sala de professores.

A direção da “UNI X” não soube informar quantos alunos atendem por consultório. Ela oferece atendimentos a um valor simbólico, funcionando de segunda a sexta no período diurno, os usuários têm acesso a diversas especialidades, como cirurgias, próteses, odontopediatria, ortodontia, endodontia e dentística.

A “UNI Y” não possui uma clínica escola própria, ela aluga uma clínica para as aulas práticas dos alunos, ela é composta por 8 consultórios de atendimentos, recepção com capacidade para 20 pessoas sentadas, central de esterilização com autoclave, almoxarifado, um aparelho radiográfico, sala de imagiologia, 2 banheiros, laboratório de prótese, ambiente externo para lixo hospitalar e estacionamento próprio.

Durante visita a “UNI Y” pode-se notar que 3 e às vezes até 4 alunos dividem o consultório de atendimento, ela oferece atendimentos gratuitos, exceto para a

confeção de próteses, esta tem o custo do material utilizado, os atendimentos são realizados de segunda a sexta no período diurno, os usuários têm acesso a serviços como cirurgia, periodontia, próteses, odontopediatria, dentística e endodontia.

As faculdades de odontologia do País basicamente seguem os mesmos padrões para a construção e utilização das clínicas escolas, pois todas seguem as mesmas normas federais, entretanto nota-se que algumas oferecem serviços e aprendizado acadêmico com maior qualidade, preparando seus discentes para o mercado de trabalho, que eles já estão familiarizados, graças as extensões universitárias e os atendimentos realizados nas clínicas.

Os atendimentos prestados dentro do espaço acadêmico ainda merecem uma atenção especial, pois eles aproximam os acadêmicos da realidade dos atendimentos do mercado profissional na área odontológica, demonstrando na prática conceitos teóricos, além de moldar o lado humano que apenas pode ser evoluído nos atendimentos com pacientes reais.

#### 4.2. Roteiro de Entrevistas

A abordagem de pesquisa empregada neste estudo incorporou questionários semiestruturados, que foram ministrados a um grupo de voluntários cuidadosamente selecionados. O objetivo por trás dessa seleção criteriosa foi garantir que as respostas coletadas fossem abrangentes e ricas em perspectivas.

Os questionários, por sua natureza flexível, permitiram que os participantes expressassem suas opiniões e experiências de forma detalhada. Essa técnica de coleta de dados foi uma janela para a mente dos voluntários, proporcionando um vislumbre valioso de suas percepções sobre o papel e a relevância dos atendimentos prestados em clínicas escolares de odontologia.

Os dados encontrados por meio das gravações de áudio foram transformados em registros escritos com o auxílio do aplicativo Word, desenvolvido pela Microsoft. Essa etapa de transcrição converteu as vozes dos participantes em informações tangíveis, formando o que é denominado de dados primários. Esses dados específicos formam o alicerce sobre o qual serão construídas as etapas subsequentes da

pesquisa, fornecendo insights substanciais para análises mais profundas e fundamentadas.

A essência das entrevistas conduzidas reside na exploração do papel vital da clínica escola de odontologia dentro da comunidade acadêmica e além. O foco dessas entrevistas foi triplo: primeiramente, destacar a relevância intrínseca da clínica escolar no contexto do desenvolvimento acadêmico e social; segundo demonstrar como essa instituição pode ser um agente de benefícios tangíveis para a população local; e terceiro, compreender a dinâmica da cooperação entre a universidade e as entidades públicas e privadas, descobrindo como essa colaboração mútua pode ser vantajosa para ambas as partes.

O diálogo com os docentes que se envolvem diretamente nos atendimentos aos pacientes revelou-se um componente crucial desta pesquisa. A abordagem de saturação dos dados obtidos garantiu que a compreensão dos resultados fosse completa e abrangente. Esse método permitiu a emergência de padrões convergentes e uma visão clara das respostas fornecidas no contexto do questionário.

As questões discutidas englobam uma série de tópicos relevantes, destacando a influência da clínica escolar no desenvolvimento acadêmico dos estudantes. A interseção entre a teoria aprendida nas salas de aula e sua aplicação prática nas clínicas escolares foi um aspecto especialmente enfatizado. Além disso, a pesquisa buscou discernir de que maneira a clínica escola poderia não apenas enriquecer o conhecimento dos acadêmicos, mas também desempenhar um papel ativo em contribuir para o bem-estar e a saúde bucal da comunidade local.

A perspectiva das entrevistas também se estende para a sinergia entre a universidade e as entidades públicas, explorando como essa colaboração pode gerar resultados que ultrapassam as fronteiras do ensino e se estende para o desenvolvimento socioeconômico da região. A avaliação dos dados coletados revela uma diversidade de perspectivas em relação à colaboração entre a universidade e organizações públicas e privadas. Essas perspectivas são agrupadas em três subtemas principais, cada um oferecendo uma visão única e valiosa sobre essa colaboração, que são: Perspectiva dos Pacientes; Perspectiva dos Acadêmicos e a Perspectiva dos Docentes.

As narrativas dos entrevistados que aparecem ao longo do capítulo servem para corroborar com os resultados, ressaltando que para não serem identificados as falas

dos pacientes terão siglas como Pb que a sigla P é usada para pacientes e a letra minúscula para diferenciá-los, enquanto a dos Acadêmicos e dos Docentes será A e D respectivamente, com as letras minúsculas acompanhando a maiúscula para diferenciá-los.

#### 4.2.1. Perspectivas dos pacientes

Os atendimentos oferecidos nas clínicas não oferecem quaisquer restrições, sendo que para serem utilizados os candidatos necessitam apenas se apresentarem na clínica para agendar um horário ou fazê-lo por meio de agendamento eletrônico. No entanto, um olhar mais atento revela uma tendência marcante: a maioria daqueles que procuram esses serviços pertencem às classes sociais mais vulneráveis. Nesse cenário, os atendimentos de saúde bucal das clínicas não são apenas uma questão de necessidade odontológica; eles são agentes de mudança e restauradores de qualidade de vida para aqueles que dependem exclusivamente do sistema público de saúde para atender às suas demandas.

Os pacientes não apenas veem esses atendimentos como uma oportunidade de acesso a serviços de saúde bucal de qualidade sem custos, mas também como uma chance de redefinir sua qualidade de vida. Testemunhos narram histórias de como esses atendimentos tiveram o poder de devolver sorrisos há muito perdidos e, de maneira ainda mais profunda, de reintroduzir a confiança e a socialização em suas vidas, como narram Pb e Px:

*“Antes a gente tinha que madrugar em filas e mesmo assim as vezes não conseguia atendimento, eram poucas senhas distribuídas nos postos de saúde. Eu sentia vergonha de dar um sorriso, hoje a clínica escolheu meu atendimento por telefone, já estou inclusive finalizando minha prótese e logo posso voltar a sorrir.” (Pb)*

*“A gente que é pobre sofre para conseguir atendimento no SUS, um dia encontrei uma amiga que foi atendida aqui, ela me indicou a clínica para fazer um canal, eu sentia muita dor de dente, aqui sempre fui muito bem tratada os meninos e os professores se tornaram meus amigos, ainda estou em tratamento, mas já consigo comer e sentir prazer nisso”. (Px)*

Para muitos pacientes, a jornada até a clínica começou com uma simples propaganda de boca a boca. Amigos e familiares, que vivenciaram em primeira mão os atendimentos, são os principais agentes de transmissão. Essa corrente de recomendações, muitas vezes realizada nas redes sociais, tornou-se uma força impulsionadora para alavancar a marca da universidade frente a comunidade.

A singularidade dos atendimentos universitários reside não apenas nos tratamentos oferecidos, mas também na porta que abre para um mundo até então desconhecido para grande parte destes pacientes. Muitos deles nunca cruzaram os limites da universidade antes de procurarem os serviços da clínica.

O contato com os serviços e com a estrutura universitária podem estabelecer vínculos entre as partes e influenciar na escolha do paciente ou de seus entes, quando forem procurar uma instituição de ensino superior para se profissionalizar conforme relatou Pw em um trecho de sua entrevista:

*“Eu nunca tinha entrado nessa faculdade antes dos meus atendimentos, após conhecer toda a estrutura que ela tem pedi para minha neta que estava matriculada em outra faculdade se transferir para cá, aqui ela tem mais condições de ter uma boa formação e arrumar um bom emprego”.* (Pw).

À medida que as clínicas continuam a atender a uma demanda crescente, elas também aliviam um fardo importante nas comunidades locais. Enquanto as filas nos sistemas públicos de saúde muitas vezes testam a paciência e a resistência, os atendimentos universitários emergem como um acesso mais ágil a atendimentos de saúde bucal de alta qualidade.

As parcerias com as organizações da sociedade e as extensões universitárias trazem uma dimensão adicional, facilitando o acesso aos atendimentos para aqueles que enfrentam desafios de mobilidade. Conforme relatou Pw, Pf e Pp

*“O atendimento é excelente, porém é muito longe da minha casa, as vezes não tenho condições de vir de Uber, como uso andador e complicado vir de ônibus.”* (Pw).

*“As parcerias com os órgãos públicos poderia facilitar encaminhar os pacientes que precisam de atendimento, assim não precisaria deslocar para cá apenas para fazer avaliações, a universidade e meio fora de rota do resto da cidade.”* (Pf).

*“Se houvesse estagiários da clínica nos postos de saúde poderíamos conseguir atendimentos aqui na universidade mais rápido, as vezes demora muito o atendimento lá e várias pessoas também desconhecem o atendimento da clínica escola.” (Pp).*

Entretanto, há um impacto ainda mais amplo do que o visível a olho nu. O efeito da interação entre a comunidade e a universidade é um exemplo vivo de uma simbiose mútua. A universidade, muitas vezes percebida como um mundo distante e inatingível, é trazida para a realidade das pessoas. Esse link não coloca apenas os serviços de saúde ao alcance da mão, mas também expande horizontes. Conforme o relatou Pp:

*“Além de arrumar meus dentes ainda fiz amigos por aqui, enquanto aguardo o atendimento na recepção converso com os outros pacientes e faço amizades, isso é bom para passar o tempo e diminuir o medo do dentista, até já fizemos um grupo dos pacientes para nos comunicarmos fora da faculdade.” (Pp).*

A universidade assume um papel mais amplo do que simplesmente disseminar conhecimento, ela impacta a economia local oferecendo oportunidades de profissionalização, além de tornar-se beneficiária aos serviços de saúde e propulsora do desenvolvimento local.

Os relatos demonstram que a cooperação entre as organizações da sociedade que culmina nos atendimentos realizados na clínica escola de odontologia transcendeu a moldura de educação e cuidados de saúde para se tornarem uma narrativa poderosa de transformação e inclusão, que trazem benefícios mútuos aos envolvidos.

#### **4.2.2. Perspectivas dos Acadêmicos**

A estrutura universitária desempenha um papel central na escolha dos acadêmicos ao optar por cursar odontologia em uma instituição de ensino superior. Dada a natureza prática e intensiva do curso, a existência de clínicas e laboratórios exercem peso na balança da decisão dos estudantes ao optarem por determinada instituição, conforme relata Ay e At:

*“A estrutura física da clínica escola e a quantidade de atendimentos realizados me influenciaram muito na escolha, porque o curso tem muita prática e ter toda essa estrutura nos deixa preparados para o mercado de trabalho.” (Ay).*

*“Quando estava procurando uma faculdade eu buscava informações sobre ex-alunos e pessoas que tiveram contato com as clínicas escola, ver que são realizados muitos atendimentos, que tem parcerias com órgãos na cidade e que possui uma clínica completa pesou na escolha da universidade.” (At).*

Os atendimentos prestados nas clínicas escolares representam um marco significativo para esses estudantes. Nelas eles têm a oportunidade de traduzir o conhecimento teórico em ações práticas, cada procedimento realizado não é apenas um exercício técnico, mas sim um mergulho em cenários reais, proporcionando a chance de aplicar o aprendizado teórico.

O impacto desses atendimentos não se limita a apenas consolidar as competências técnicas, eles também cultivam a habilidade de lidar com situações reais, de compreender a diversidade de pacientes e de enfrentar desafios inesperados, enriquecendo a bagagem profissional e auxiliando no desenvolvimento humano.

A relação entre as clínicas e a identidade profissional não pode ser subestimada, para muitos, é nesse ambiente que começam a definir sua trajetória na odontologia. Os atendimentos não apenas permitem que explorem diferentes especialidades, mas também revelam seus interesses e aptidões. Ao estar em contato direto com os pacientes, eles podem vislumbrar o impacto de suas intervenções na realidade e discernir onde suas paixões e talentos se alinham. o relato da acadêmica Am demonstrar essa importância:

*“A cada período eu me apaixonava por uma nova disciplina, mas quando começamos a fazer os atendimentos em Semiologia eu consegui de fato ver que aquilo era o que eu queria fazer pelo resto da vida, além da motivação acadêmica poder ver a felicidade do paciente após o atendimento me mostrou a áreas que quero trabalhar no futuro.” (Am)*

Além dos benefícios pessoais, os atendimentos realizados na clínica escola de odontologia possuem um impacto social substancial, proporcionando uma via de acesso à saúde bucal para indivíduos que, de outra forma, enfrentam dificuldades em

obter o tratamento adequado. A relevância social desses atendimentos é notável pelo fato de que muitos não possuem recursos para custear tratamentos particulares

As filas de espera em postos de saúde e Centros de Especialidades Odontológicas (CEOs) são uma realidade que pode agravar problemas de saúde bucal. As clínicas universitárias de ensino aliviam essa carga, oferecendo inúmeros atendimentos gratuitos, com qualidade e acesso muitas vezes mais rápido e mais humanizado, pois o ambiente educacional tende a ser mais acolhedor (Barata; Mendes; Bittar, 2010). A acadêmica Ab relata como os atendimentos ajudam esses pacientes:

*“Muitos pacientes chegam aqui se queixando de dor e que não conseguiram atendimento no CEO, eles também não têm condições de pagar por um atendimento particular, aqui na universidade oferecemos atendimentos gratuitos e de qualidade, além de termos atendimentos e profissionais específicos para pessoas com maior vulnerabilidade como os idosos de odontogeriatria.” (Ab).*

A relação simbiótica entre a universidade e a comunidade é intensificada por meio dos atendimentos nas clínicas. Esses atendimentos não aproximam apenas a academia da sociedade, mas também funcionam como um canal de divulgação. A experiência dos pacientes muitas vezes é compartilhada com outros membros da comunidade, construindo uma confiança sólida para a instituição. A valorização dos profissionais oriundos das clínicas escolares é fruto da parceria bem-sucedida com a sociedade.

As colaborações com organizações não governamentais (ONGs) e entidades públicas e privadas desempenham um papel vital no desenvolvimento acadêmico dos estudantes. Ao se envolverem com desafios reais fora do ambiente universitário, os estudantes expandem seus horizontes e experimentam uma aprendizagem contextualizada que possibilita adaptações no atendimento para cada desafio encontrado. Essas parcerias também são um portal para compreender as complexidades do sistema público de saúde e as vulnerabilidades que ele enfrenta.

A colaboração com órgãos públicos abre portas para casos clínicos mais desafiadores, enriquecendo a formação acadêmica. Essa cooperação proporciona uma visão do cenário da saúde pública, bem como uma oportunidade para atender às demandas reais da população, conforme relata Am e At:

*“As parcerias podem nos ajudar a encontrar casos que na universidade não conseguimos ver, pois sabemos que lá fora nem tudo são flores [...], acredito que essa vivência é boa para nós e para a comunidade, pois melhoramos nosso aprendizado e a população ganha mais atendimentos odontológicos.” (Am).*

*“As parcerias possibilitam conhecer diferentes públicos e pessoas, sair da nossa zona de conforto, por exemplo o lar dos idosos nos possibilita exercitar o nosso lado humano além de atender uma população diferente do habitual e que requer uma atenção especial.” (At).*

Os atendimentos nas clínicas escolares, indubitavelmente, estabelecem um diferencial para as instituições de ensino em odontologia. A infraestrutura e a amplitude dos atendimentos prestados agregam valor à instituição, tornando-a atrativa para novos discentes. A confiança da instituição, construída em grande parte pela experiência de acadêmicos e egressos que muitas vezes é compartilhada nas redes sociais, desempenha um papel substancial na atração de novos estudantes.

As clínicas universitárias de odontologia são o epicentro da formação odontológica. Elas transcendem as barreiras teóricas, conectando os estudantes ao mundo real da prática. Com um impacto social profundo, essas clínicas não só beneficiam os pacientes, mas também estreitam os laços entre a universidade e a comunidade. Através desses atendimentos, os futuros profissionais não apenas acumulam conhecimento; eles se tornam competentes, compassivos e aptos a contribuir significativamente para a saúde bucal da população.

#### **4.2.3. Perspectivas dos Docentes**

A compreensão mais abrangente da importância dos atendimentos na clínica escola de odontologia é uma característica notável entre os docentes. Eles possuem uma visão diferenciada, capaz de contemplar as diversas facetas da situação. Tendo transitado como acadêmico em seus primeiros passos na carreira profissional e acumulada experiência prática ao longo dos anos, eles confirmam tanto o valor educacional quanto a relevância social das clínicas.

Nos cursos da área da saúde, a prática tem uma relevância muito maior que em outros cursos. Isso se aplica ao curso de odontologia, no qual a união entre teoria e prática é essencial para uma formação completa. Inicialmente, a base é construída

em laboratórios, utilizando manequins para a formação básica. Posteriormente, o avanço acontece com o atendimento a pacientes reais, o docente Db relatou a importância das práticas:

*“No curso de odontologia não tem como o aluno ter uma boa formação sem as práticas, tanto as iniciais nos laboratórios e posteriormente com atendimentos com pacientes, saber lidar com as adversidades do atendimento são indispensáveis na formação dos futuros dentistas.” (Db)*

A presença da população atendida é de fundamental importância no aprendizado dos acadêmicos. Eles enfrentaram desafios que espelham o cenário que encontraram fora dos limites controlados das aulas teóricas universitárias. Essa interação real é um campo de treinamento para situações futuras, assim como relatou Df.

*“As práticas são fundamentais na formação do profissional da odontologia, sobretudo os atendimentos aos pacientes, através dos pacientes que iremos expor as situações clínicas e assim eles terão vivência e entenderam as dificuldades do dia a dia do profissional.” (Df).*

Do ponto de vista dos docentes, o impacto social dos atendimentos é imenso, eles representam uma alternativa valiosa para oferecer assistência gratuita e de alta qualidade, atendendo a diversas faixas etárias, muitas vezes com maior agilidade em comparação aos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), esses atendimentos preenchem uma lacuna importante no acesso à saúde bucal, conforme relata Df:

*“Várias pessoas não têm recursos financeiros e os atendimentos gratuitos da universidade podem ser a única opção que elas têm para receberem tratamento básico de saúde bucal, tendo em vista que o SUS tem uma fila longa de espera.” (Df).*

Para os professores os serviços prestados pelas clínicas é o diferencial que influencia na escolha da universidade. A qualidade dos atendimentos e as recomendações dos próprios pacientes solidificam a confiança na instituição, atraindo candidatos em busca de excelência educacional e preparação sólida para o mercado de trabalho.

As parcerias condicionais com organizações privadas e ONGs desempenham um papel vital no desenvolvimento pedagógico, além de oferecer assistência a pessoas carentes, essa interação amplia a perspectiva dos alunos sobre questões

sociais, alinhando-se com a missão da universidade em formar cidadãos conscientes e engajados.

O acadêmico que tem acesso a bons estágios, acesso a clínicas escolares bem equipadas e a bons laboratórios de estudo estão um passo à frente. Essa vivência proporciona uma compreensão realista do ambiente profissional, dos desafios além da universidade, da realidade comunitária e das complexidades do sistema de saúde, conforme relata DI:

*“A interação com outros ambientes proporcionados pelas clínicas e extensões estimula o conhecimento do acadêmico, isso abre a mente deles para novas áreas de atuação, além de proporcionar interações sociais com a comunidade e as dificuldades encontradas pelo profissional sobretudo no SUS.” (DI).*

No entanto, ao falarmos de parcerias entre universidades e o governo, especialmente na área da saúde pública e odontológica, surgem desafios consideráveis. A continuidade dessas parcerias é interrompida muitas vezes por mudanças de gestão (LAIMER, 2013) Nesse cenário, manter a cooperação é um verdadeiro desafio.

A colaboração contínua com órgãos da sociedade, sobretudo com os órgãos públicos, poderia potencializar ainda mais os atendimentos à comunidade, ao criar um sistema conjunto de atendimento para ambas as entidades. Isso não apenas aumentaria a capacidade de atendimento, aliviando a demanda sobre o sistema público, mas também atrairia mais pacientes para a universidade, enriquecendo a experiência de aprendizado dos acadêmicos

## 5. DESENVOLVIMENTO DA CARTILHA INSTRUCIONAL

A cooperação entre universidades, empresas privadas e órgãos públicos tem sido objeto de extensa pesquisa acadêmica. Esses estudos destacam consistentemente os benefícios e a complexidade de se trabalhar com organizações tão diversas em um mesmo contexto. No entanto, identificamos uma lacuna significativa na forma de orientação prática, principalmente a ausência de uma cartilha instrutiva que apresenta de maneira clara e concisa os aspectos essenciais da colaboração. Esses aspectos incluem a razão para cooperar, por onde começar, os benefícios e desafios envolvidos, com foco especial na cooperação entre universidades e entidades públicas e privadas.

As entrevistas com profissionais ligados a esse campo, como professores, acadêmicos e pacientes, enfatizaram a importância da colaboração para maximizar o impacto das ações já em curso. A cooperação possibilita alcançar segmentos da população que uma instituição não conseguiria alcançar. Além disso, a colaboração desempenha um papel crucial na promoção da marca em novos cenários, tornando-a mais atraente e competitiva. Isso resulta em ganhos que beneficiam não apenas as partes envolvidas na colaboração, mas também enriquecem a comunidade local.

Para compreender completamente a importância da cooperação entre diferentes entidades, é fundamental examinar os diversos aspectos que tornam uma estratégia avançada. Primeiramente, a colaboração pode revelar uma solução eficaz para superar desafios complexos e interdisciplinares. Universidades, empresas privadas e órgãos públicos muitas vezes enfrentam problemas que exigem uma abordagem multidisciplinar. Através da cooperação, essas entidades podem combinar seus conhecimentos e recursos para encontrar soluções inovadoras que beneficiem a sociedade como um todo.

Outro ponto importante a ser destacado é o alcance expandido fornecido pela cooperação. As instituições de ensino superior, por exemplo, podem alavancar sua capacidade de pesquisa e desenvolvimento, enquanto as empresas privadas podem contribuir com recursos financeiros e experiência prática. Juntas, essas organizações têm capacidade de impactar áreas que vão desde a inovação tecnológica até o desenvolvimento de políticas públicas.

Além disso, a cooperação desempenha um papel crucial no fortalecimento das relações entre as partes envolvidas. Estabelecer parcerias estratégicas que requer confiança e colaboração mútua. Através do compartilhamento de conhecimento e recursos, as organizações podem fortalecer esses laços, criando relacionamentos que beneficiam a todos os envolvidos.

Por fim, a cooperação também é fundamental para aprimorar a visibilidade e a confiança das organizações. Quando as universidades se associam a empresas e órgãos públicos em projetos de relevância social e econômica, elas não apenas expandem sua presença no mercado, mas também se tornam agentes de mudança positiva em suas comunidades.

Em suma, a cooperação entre universidades, empresas privadas e órgãos públicos é uma estratégia valiosa que oferece benefícios significativos a todas as partes envolvidas. O desenvolvimento de uma cartilha surge como uma opção mais pedagógica para a difusão desse conhecimento, Segundo Collares (2011) a cartilha pode ser utilizada como meio de comunicação, onde o seu conteúdo reflete a sociedade.

Esta cartilha fornece orientações claras e práticas para facilitar a criação e a gestão de colaborações bem-sucedidas, promovendo o crescimento e o desenvolvimento tanto das instituições quanto das comunidades. A utilização de alguns conceitos do DSR contribuiu para a concepção da cartilha instrucional, ele envolve pessoas, organizações e tecnologias, que podem ou não serem planejadas para criação de novos artefatos (CORDEIRO, 2022).

O objetivo principal da criação desta cartilha institucional é preencher essas lacunas, oferecendo um guia abrangente que possa servir como base para o entendimento e a elaboração de estratégias de cooperação. Nossa abordagem se concentra especialmente na colaboração entre universidades e organizações públicas e privadas, fornecendo às instituições as ferramentas necessárias para estabelecer e desenvolver redes de cooperação bem-sucedidas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As instituições de ensino superior têm aprimorado ao longo dos anos sua capacidade de impactar a vida das pessoas, principalmente das comunidades ao seu redor. Elas proporcionam qualidade de vida, desenvolvimento social e tecnológico em suas regiões, promovendo crescimento econômico, melhorias no sistema educacional e de saúde.

As clínicas universitárias de odontologia desempenham um papel fundamental para suprir a escassez de profissionais no sistema público de saúde, aliviando a pressão sobre o sistema. Apesar dos investimentos em programas de saúde bucal nos últimos anos, o SUS ainda não consegue atender 50% da população nacional. (IBGE, 2023).

Os atendimentos odontológicos realizados nas clínicas universitárias vão além do cumprimento das normas e regulamentos curriculares; eles podem ser um facilitador do aprendizado acadêmico, proporcionando acesso a novos pacientes e estabelecendo parcerias valiosas.

Essas clínicas têm o poder de financiar o nome das universidades para além de seus muros, atraindo a comunidade para dentro da instituição. A qualidade dos serviços prestados transforma gradualmente a instituição em um centro de referência local em atendimento de saúde. Essa confiança atrai mais estudantes em busca de uma educação de alto nível, e a seriedade dos atendimentos facilita futuras colaborações.

A cooperação entre universidades e entidades públicas e privadas gera resultados que impactam diretamente, não apenas as partes envolvidas, mas toda a sociedade local. Isso inclui o acesso a mais pacientes para as universidades e a expansão da visibilidade das empresas em novos ambientes, buscando o desenvolvimento humano e tecnológico, promovendo o lucro no caso das empresas, e atendimentos gratuitos e de qualidade no caso dos órgãos públicos.

Entretanto, a cooperação pode gerar desafios se não for bem planejada e realizada. As principais dificuldades nas parcerias com a IES são causadas principalmente pelas diferenças culturais e de missão das instituições (MELO, 2002). As universidades geralmente promovem a disseminação do conhecimento, o que

pode resultar na falta de sigilo de pesquisa e dificuldades em manter avanços científicos e tecnológicos internamente.

As empresas privadas buscam parcerias com universidades para alavancar lucros (SANTOS, 2016), o que pode levar ao rompimento de acordos de curto prazo, pois buscam retornos rápidos, enquanto as universidades planejam ações de longo prazo, direcionando principalmente o retorno acadêmico.

A cooperação com entidades públicas apresenta desafios diferentes das parcerias com entidades privadas, principalmente devido às mudanças frequentes de gestão nos órgãos governamentais, que podem adotar novas culturas e missões, tornando inviável a cooperação anteriormente estabelecida.

Entrevistas realizadas com agentes envolvidos nos atendimentos realizados nas clínicas escola de odontologia revelam a importância dessas clínicas, seja para o desenvolvimento acadêmico, crescimento profissional ou o acesso à saúde bucal pela comunidade. Todos compartilham a mesma opinião sobre sua função social extremamente relevante e de como eles são importantes para promoção da marca da universidade. A clínica também gera um impacto positivo quanto a critérios de seleção de novos clientes, pesando a favor da universidade quando o assunto é a contratação de serviços universitários.

A clínica da UniA mantém parcerias significativas com ONGs e instituições privadas, contribuindo não apenas para as atividades de extensão universitária, mas também para o desenvolvimento social dos acadêmicos. As parcerias com entidades públicas ainda são informais, envolvendo a colaboração de funcionários para atender pacientes necessitados. No entanto, é importante ressaltar que ainda não existe formalização, dificultando o compartilhamento de informações, tecnologias e melhoria na gestão.

Contudo, é possível observar que o caminho para estabelecer uma rede de cooperação com entidades públicas e privadas já está sendo traçado, com diálogos em andamento e parcerias informais sendo criadas. Os benefícios dessas parcerias já podem ser vistos no aumento dos atendimentos prestados e no fortalecimento da imagem da universidade como um centro de excelência em atendimento.

A concepção da cartilha instrutiva atende ao objetivo específico “C” desta dissertação, surgindo após a condução de pesquisas em periódicos acadêmicos e constatou a carência de manuais que poderiam simplificar o processo de início do

planejamento de parcerias com entidades externas. Além disso, notou-se uma escassez de recursos que abordaram de forma clara os benefícios e desafios da colaboração, especialmente quando se trata do elemento central que é promover a cooperação entre universidades e organizações públicas e privadas.

A cartilha que consta em anexo ainda necessita de validação que pode ou não ser feita junto a Uni A, ao final como produto desta dissertação a cartilha será entregue para a universidade para que sirva como objeto de norteamento estratégico ou pedagógico.

A pesquisa conclui que é necessário buscar a cooperação com empresas de ambos os setores, trazendo habilidades diversas para dentro das universidades e compartilhando o conhecimento acadêmico com instituições externas. O programa de saúde bucal do sistema único de saúde ainda não atende todas as famílias, e futuras pesquisas podem explorar maneiras de expandir os serviços de saúde bucal para mais comunidades, inspirando-se nos modelos adotados pelas clínicas escola de odontologia, particularmente no modelo desta pesquisa

## REFERÊNCIAS

ABRUCIO, F. L. **Trajetória recente da gestão pública brasileira: um balanço crítico e a renovação da agenda de reformas.** Revista de Administração Pública, 41, 67-86, 2007.

AMARAL, Anna Elisa Villemor et al. **Serviços de psicologia em clínicas-escola: revisão de literatura.** Bol. psicol., São Paulo, v. 62, n. 136, p. 37-52, jun. 2012  
Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0006-59432012000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0006-59432012000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 29 abr. 2023.

BARATA, Luiz Roberto Barradas; MENDES, José Dínio Vaz; BITTAR, O. J. N. V. **Hospitais de ensino e o Sistema Único de Saúde.** Rev adm saúde, v. 12, n. 46, p. 7-14, 2010.

BARDIN. L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BARNARD. Chester I. **Organizatons and management: Selected papers.** Cambridge: Harvard University Press, 1956.

BEGNIS, Heron. S. M. et. al. **Cooperação como estratégia segundo diferentes perspectivas teóricas** - Revista de Ciências da Administração, v-10, n-21, p. 97-121, 2008.

BERRY, L. L. **Relationship marketing of servisse: growing interest, emerging perspectives.** Journal of the Academy of Marketing Science, 1995.

BRASIL, **Decreto Nº 11.016, de 29 de março de 2022.** Regulamenta o Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal, instituído pelo art. 6º-F da Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993.

BRASIL, **Decreto nº19.851 de 11 de abril de 1931,** Diário Oficial da União – Seção 1 – 15/04/1931, pág. 5800 (Publicação Original).

BRASIL, **Lei 11.129, de 30 de junho de 2005.** Brasília: Diário Oficial da União, 1º de julho de 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia**. Diário Oficial da União. Brasília 2002.

BRASIL, Vinicius. **Meio século de história. Top de Marketing ADVB**. Porto Alegre, Edição Especial, p. 6-14, nov. 2005.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 12 out. 2022

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União, 2013.

BRASIL Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Informações sobre Brasil sorridentes em 2023**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/junho/ministerio-da-saude-amplia-brasil-sorridente-com-atendimento-odontologico-especializado-para-municipios-de-ate-20-mil-habitantes>>. Acesso em: 11 ago. 2023.

CARBONARI, Maria Elisa Ehrhardt; PEREIRA, Adriana Camargo. **A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade**. – Revista Kroton Educacional, v.10, n.10, 2007.

CARRARA, K. **Uma ciência sobre “coisa” alguma: relações funcionais, comportamento e cultura [online]**. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, 190 p. ISBN 978-85- 7983-657-2. Available from SciELO Books.

CHURCHILL Jr., G. A. **Marketing research: methodological foundation**. Orlando: The Dryden Press, 1999.

CORREA, S. M. B. B. **Probabilidade e estatística**. 2. ed. Belo Horizonte: PUC Minas Virtual, 2003.

COLLARES, S. A. O. O uso da cartilha progressiva (1907) nas escolas do estado do Paraná. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011.

COSTA, Carolina O. M. **Transferência de tecnologia universidade-indústria no Brasil e a atuação de núcleos de inovação tecnológica**. 2013. 51 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo,

Departamento de Engenharia de Produção, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

DEJONCKHEERE, M.; VAUGHN, L. M. **Semistructured interviewing in primary care research: a balance of relationship and rigour.** *Family Medicine and Community Health*, v. 7, n. 2, p. 1-8, 2019.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **Handbook of Qualitative Research.** Thousand Oaks: Sage, 2000.

DIAS, Isabella Cristina Galvan. **O uso de cartilha como ferramenta para promover a educação ambiental no ensino de Ciências.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

DICICCO-BLOOM, B.; CRABTREE, B. F. **The qualitative research interview.** *Medical Education*, v. 40, n. 4, p. 314-321, 2006.

EISENHARDT, K. M.; GRAEBNER, M. E. **Theory building from cases: Opportunities and challenges.** *Academy of Management Journal*, v. 50, n. 1, p. 25–32, 2007.

FERNANDES, L. S. C. 2005. **Arranjo Produtivo de Jóias e Folheados de Juazeiro do Norte: uma aposta que vale ouro.** Monografia em Ciências Econômicas. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza.

FONTANELLA, B. J. B., & MAGDALENO JÚNIOR, R. **Saturação teórica em pesquisas qualitativas: contribuições psicanalíticas.** *Psicologia em Estudo*, v. 17, p. 63-71, 2012.

FRICK, M. **The knowledge pyramid: a critique of the dikw hierarchy.** *Journal of Information Science*, v. 35, n. 2, p. 131 - 142, 2009.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais.** In: GASKELL, G.; BAUER, M. W. (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.* Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89.

GLASER, B. G.; STRAUSS, A. L. **The Discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research.** Reprinted New York: Aldine de Gruyter, 2006.

GIL, Carlos, A. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, 6ª edição. São Paulo, Atlas, 2017.

GUAZI, T. S. **Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas**. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 2, n. 1, p.

GULATI, R. et. al. **Strategic Networks**. Strategic Management Journal.vol. 21, p. 203-215, 2000.

GUMMESSON, E. **Marketing de relacionamento total**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HOFFMANN, Valmir Emil et al. **Saturação teórica em pesquisas qualitativas: relato de uma experiência de aplicação em estudo na área de administração**. Revista de ciências da Administração, p. 40-53, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos 2022. Inovações e impactos nos sistemas de informações estatísticas e geográficas do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

JESUS, Ananda Fernanda de et al. O uso do método Design Science Research na Ciência da Informação: uma revisão sistemática da literatura. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, [S.l.], v. 12, p. 1 - 13, jul. 2023. ISSN 2237-826X. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/atoz/article/view/87478/49869>>. Acesso em: 19 set. 2023. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/atoz.v12i0.87478>.

KOTLER, Philip; FOX, Karen F. A. **Marketing estratégico para instituições educacionais**. São Paulo: Atlas, 1994.

LACERDA, D. P. et al. **Design Science Research: método de pesquisa para a engenharia de produção**. Gestão & produção, v. 20, p. 741-761, São Carlos (SP): Departamento de Engenharia de Produção da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, 2013.

LAIMER, Claudionor Guedes. **A cooperação entre universidade, empresa e governo na promoção de ambientes de inovação: um estudo em parques científicos e tecnológicos no Brasil e em Portugal**. 2013.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva, et al. Al. **A atualização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de enfermagem**,

Revista gaúcha de enfermagem. Porto Alegre. Vol. 20, n. especial (1999), pág. 130-142.

MALAFAIA, G.C. et al. **Capital Social e a Construção da Confiança em Redes de Cooperação: Mudando padrões de relacionamento na pecuária de corte.** Anais do XXXI Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro: ANPAD. Set. 2007.

MANZINI, Eduardo José. **O uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em Educação.** Revista Percurso-NEMO. Maringá v. 4, n. 2 , p. 149- 171, 2012.

MAYO, Elton. Hawthorne and the Western Electric Company, In: PUGH, Derek S. (ed). **Organizations theory: Selected readings** . 4th ed. London: Penguin Books, 1997. P. 279-292.

MCGRATH, C.; PALMGREN, P. J.; LILJEDAHL, M. **Twelve tips for conducting qualitative research interviews.** Medical Teacher, v. 41, n. 9, p. 1002-1006, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1080/0142159X.2018.1497149>

MELO, P. A. de. **A cooperação universidade/empresa nas universidades públicas brasileiras.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 2002.

MIKOSZ, Vinícius Machado et al. **A relação universidade-empresa-governo no contexto do Sistema Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação Brasileiro: um estudo de caso dos mecanismos de cooperação e seus intervenientes em uma universidade pública.** 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

MORGAN, Robert, HUNT, Shelby. **The Commitment of Relationship Marketing.** Journal of Marketing, v.58, n.3, p.20-38, July, 1994.

MUNCHEN, Maira Sabrina, 2018. **Influência da competência da colaboração no desempenho da estratégia de acordos de cooperação em cooperativas gaúchas.** Trabalho de conclusão de curso de Especialização em Cooperativas. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo.

NAKANO, D. N. **Fluxo de conhecimento em redes interorganizacionais: conceitos e fatores de influência.** In: AMATO NETO, J. (Org.). Redes entre

organizações: domínio do conhecimento e da eficácia operacional. São Paulo: Atlas, 2005.

NETA, Anízia Aguiar; ALVES, Maria do Socorro Costa Feitosa. **A comunidade como local de protagonismo na integração ensino-serviço e atuação multiprofissional. Trabalho, Educação e Saúde**, v. 14, p. 221-235, 2016.

NETO, João Amato, **Redes entre organização: domínio do conhecimento e da eficácia operacional**. São Paulo: Atlas, 2005.

NUNES, Getúlio Tadeu, 2005. **Abordagem do marketing de relacionamento no ensino superior: um estudo exploratório**. Dissertação de Mestrado, Departamentos de Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ONYX, J. e BULLEN, P. **Measuring Social Capital in Five Communities**. Journal of Applied Behavioral Science. v.36, p.23, mar. 2000.

PALMER, Adrian. **Introdução ao marketing: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2006.

PEREIRA, S.M. et al. **Extensão universitária e trabalho voluntário na formação em Odontologia**. Arq. Odontol., v.47, n.2, p.95-103, 2011.

POJO, S. DA R. **Proteção e licenciamento de patentes da universidade: a experiência da UFRGS**. 102 p. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

PROVAN, K. G.; SYDOW, J. **Evaluating Inter-organizational Relationships**. In: CROPPER, S. et al. (Org.). *The Oxford Handbook of Inter-Organizational Relations*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

REIS, Sandra Cristina Guimarães Bahia; SANTOS, Laura Barbosa; LELES, Claudio Rodrigues. **Clínica Integrada de ensino odontológico: perfil dos usuários e necessidades odontológicas**. ROBRAC – Revista Odontológica do Brasil Central. V. 20 n.52, 2011.

SANTOS, Bruna Luiza. **Cooperação universidade-empresa. Fatores determinantes para a relação POLO/UFSC e EMBRACO**. Revista Iberoamericana de Ciência, Tecnologia e Sociedade - CTS. 2016. P. 127-144.

SCHAEFFER, P. R.; RUFFONI, J.; PUFFAL, D. **Razões, benefícios e dificuldades da interação universidade-empresa**. Revista Brasileira de Inovação, v. 14, n. 1, p. 105–134, 2015

SEGATTO-MENDES, Andréa Paula; SBRAGIA, Roberto. **O processo de cooperação universidade-empresa em universidades brasileiras**. Revista de Administração-RAUSP, v. 37, n. 4, p. 58-71, 2002.

SIONEK, Luiza.; ASSIS, Dafne Thaissa Mineguel.; FREITAS, Joanneliese de Lucas. **“Se eu soubesse, não teria vindo” implicações e desafios da entrevista qualitativa**: Psicologia Em Estudo, 25, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.44987>. Acesso em: 29 mai. 2023.

SOLLA, Jorge; CHIORO, Arthur. **Atenção ambulatorial especializada**, In: **GIOVANELLA**, Lígia. Políticas e sistemas de saúde no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009, p. 629/63.

SOUSA, C. N. de, Souza, T. C. de, & Araújo, T. L. C. **AVALIAÇÃO DA SATISFAÇÃO DOS PACIENTES ATENDIDOS NA CLÍNICA ESCOLA DE ODONTOLOGIA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR**. *Revista Interfaces: Saúde, Humanas E Tecnologia*, 3(8), 2015.

SOUZA, Miriam Karine et al. **Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE): fatores que interferem na adesão**. ABCD. Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva (São Paulo). v. 26, p. 200-205, 2013.

TÁLAMO, Jose Roberto, 2008. **Formação e gestão de redes de cooperação empresarial**. Tese de Doutorado, Departamento de Engenharia de Produção da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo.

TAVARES, Kênia Rocha; PHILIPPI, Daniela Althoff; PORTO, Bruno Matos. **DIFICULDADES NA COOPERAÇÃO UNIVERSIDADE-EMPRESA PARA A INOVAÇÃO EM UNIVERSIDADES DE MATO GROSSO DO SUL**. Encontro Internacional de Gestão, Desenvolvimento e Inovação (EIGEDIN), v. 3, n. 1, 2019.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento**. Revista Brasileira de Pesquisas em Marketing (PMKT), Vol. 3, Setembro, 2009.

VERSCHOORE, J. R. **Programa redes de cooperação: uma análise da política**

**pública gaúcha de desenvolvimento local com base em seus benefícios.** Revista Pós Ciências Sociais, v. 7, n. 13, 2010.

VERSCHOORE, Jorge Renato; BALESTRIN, Alsones. **Fatores relevantes para o estabelecimento de redes de cooperação entre empresas do Rio Grande do Sul.** Revista de Administração Contemporânea, v. 12, p. 1043-1069, 2008.

VERSCHOORE, Jorge Renato; BALESTRIN, Alsones. **Ganhos competitivos das empresas em redes de cooperação** - Revista de Administração Eletrônica, São Paulo, v.1, n.1, art.2, 2008.

WARMLING, C. M. et al. **Estágios curriculares no SUS: experiências da Faculdade de Odontologia da UFRGS.** Rev. ABENO. Brasília, v. 11, n. 2, p. 63-70, 2011.

WILSON, David T. **An Integrated Model of Buyer-Seller Relationships.** Journal of the Academy of Marketing Science, v. 23, n. 4, p.335-346, 1995.

WITTMANN, M. L.et. al. 2003. **As Redes Empresariais como uma Alternativa para Aumentar a Competitividade de Empresas do Setor de Comércio Varejista.** XXVII ANPAD - Encontro nacional dos programas de pós-graduação em administração. Anais. Atibaia.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZARPELON, Felipe de Mattos. **Formação e difusão de redes de cooperação: a análise de uma política pública a partir da lente teórica do trabalho institucional.** 2016.

ZILLI, Marlon Gonçalves et al. **Contribuições de uma clínica escola no atendimento em saúde no sul de Santa Catarina.** Revista Interdisciplinar de Estudos em Saúde, p. 105-116, 2017.

## APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTAR DOCENTES

1. Qual nível de sua especialização (especialização, Mestrado, Doutorado)? Qual área?
2. Qual a motivação pela área acadêmica?
3. Há quanto tempo atua como docente nesta instituição?
4. Qual sua percepção sobre a importância da clínica escola na formação acadêmica?
5. Quanto aos pacientes atendidos na clínica, como você avalia a importância deles no processo educativo dos acadêmicos?
6. Você acredita que os atendimentos prestados na clínica, podem impactar positivamente a qualidade de vida da comunidade local?
7. Você acredita que os atendimentos realizados na clínica, podem ser um diferencial que pese na escolha da universidade por novos alunos?
8. Quanto às parcerias que a universidade tem com ONG's e órgãos privados auxilia no desenvolvimento acadêmico e da clínica escola?
9. Você acredita que parcerias firmadas com órgãos públicos poderiam impactar na qualidade de atendimentos e benefícios à comunidade local?

## APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTAR OS ACADÊMICOS

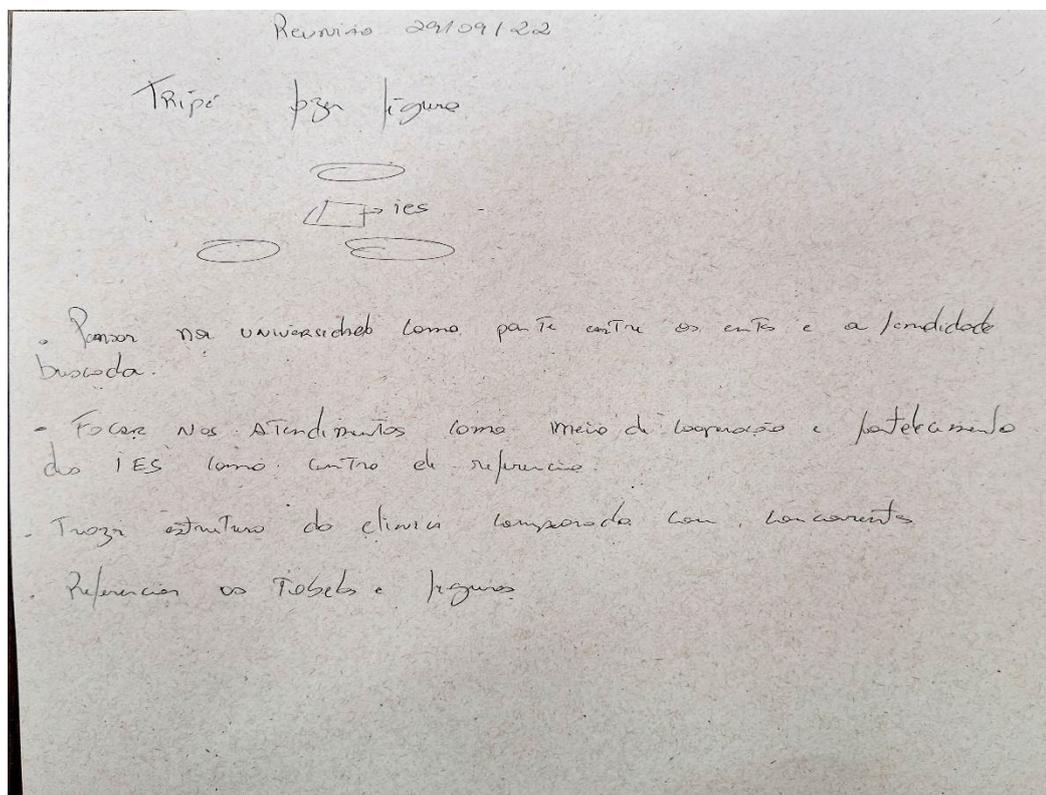
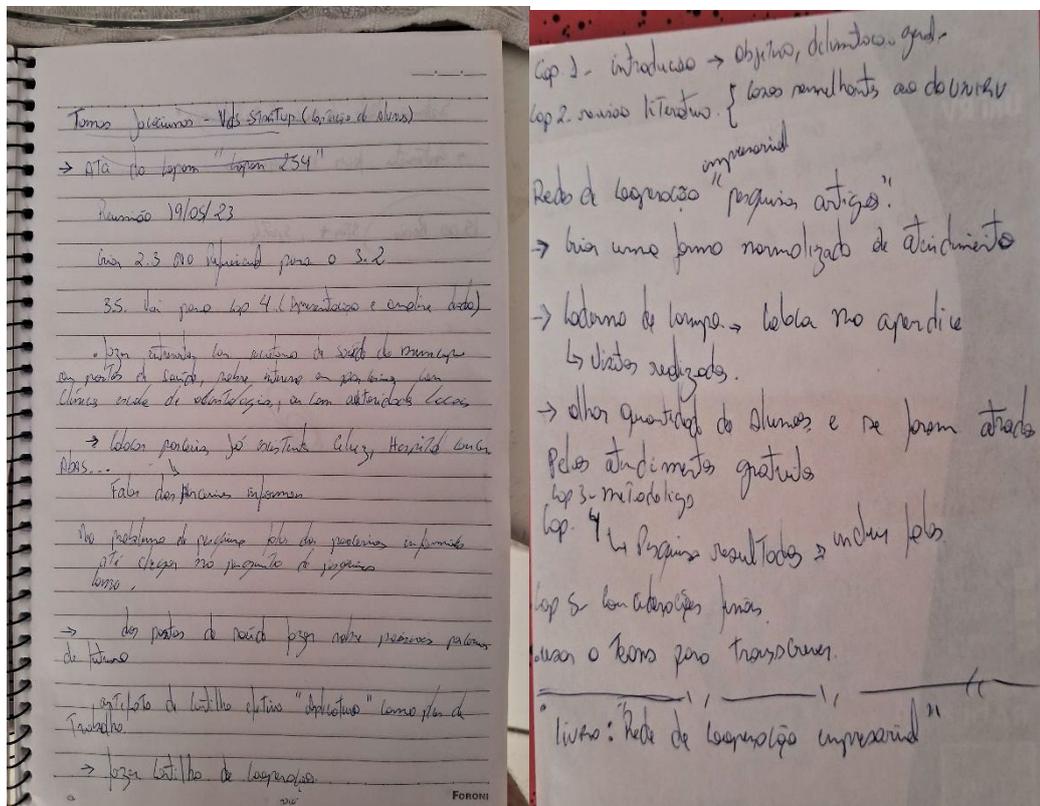
1. Conte-me um pouco sobre você, o que te levou a escolher a odontologia?
2. Como conheceu a Universidade?
3. A estrutura da Universidade e suas extensões influenciaram para escolher cursar odontologia aqui?
4. Você está em qual período?
5. Como você vê a clínica escola de odontologia na sua formação acadêmica?
6. Quanto aos atendimentos com pacientes na clínica, você acredita que tem uma função social que aproxima a Universidade à comunidade local?
7. Já participou de algum projeto de extensão? Você acha importante esses projetos para sua formação?
8. Quanto às parcerias que a universidade tem com ONG's e órgão privados eles auxiliam no seu desenvolvimento acadêmico?
9. Você acredita que parcerias firmadas com órgãos públicos poderiam impactar na qualidade dos atendimentos na clínica escola e beneficiar a comunidade local?
10. Você acredita que os atendimentos realizados na clínica, podem ser um diferencial que pese na escolha da universidade por novos alunos?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADO PARA ENTREVISTAR PACIENTES QUE FORAM ATENDIDOS NA INSTITUIÇÃO

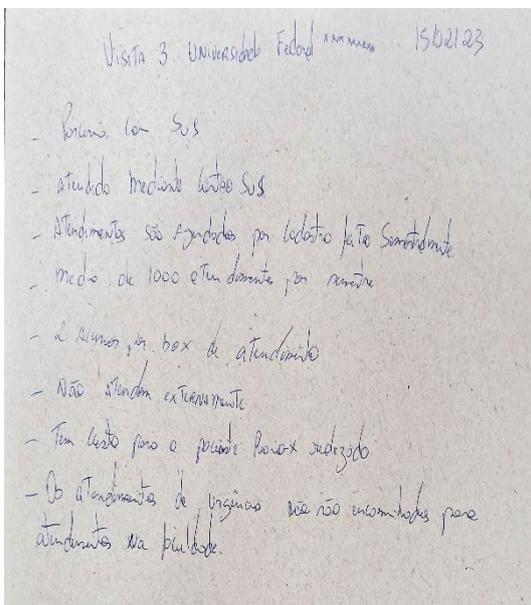
1. Qual seu grau de instrução?
2. Você utiliza mais o SUS ou Atendimento particular?
3. Como conheceu a clínica escola de odontologia?
4. Antes de ser atendida aqui, você já conhecia a Universidade?
5. Qual sua experiência com atendimentos odontológicos antes de conhecer a clínica escola?
6. Como você vê a importância da clínica escola para você e para a comunidade local?
7. Você acredita que parcerias com órgãos públicos poderiam impactar na qualidade de atendimentos e beneficiar a comunidade?
8. Após conhecer a estrutura e o atendimento da clínica você passou a ter outra visão da universidade?
9. Em conversas com familiares e amigos, você indica a universidade para pessoas que buscam atendimento ou querem estudar?

## APÊNDICE D – CADERNO DE CAMPO

### • Anotações sobre reuniões com orientador e insights



- Anotações de visitas de campo





## APÊNDICE E - CARTILHA INSTRUCIONAL



# BEM VINDOS

Esta cartilha foi concebida como fruto da pesquisa realizada para a dissertação de mestrado em Gestão e Negócios da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), assim horas de estudo de campo e leitura de periódicos foram necessárias para sua criação, por meio dela espera-se que haja uma melhor compreensão das necessidades, benefícios e desafios das redes de cooperação.

A cooperação proporciona vários benefícios e a complexidade de se trabalhar com organizações tão diversas proporciona um vasto aprendizado. No entanto, há lacunas significativas na orientação de como iniciar na prática, esses aspectos incluem a razão para cooperar, por onde começar, quais as vantagens e desafios envolvidos. Estabelecer parcerias estratégicas requer confiança e colaboração mútua, através do compartilhamento de conhecimento e recursos as organizações podem fortalecer esses laços, criando relacionamentos que proporcionem privilégios, esta cartilha ainda aborda como foco a cooperação entre universidades e entidades públicas e privadas.

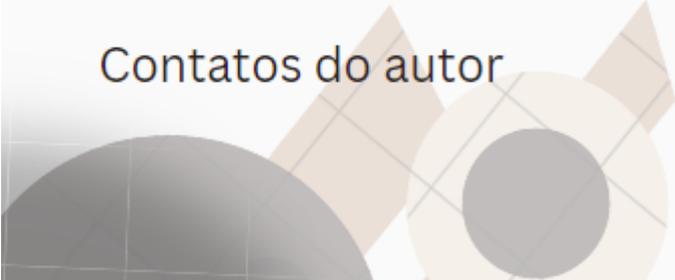
O objetivo principal da criação desta cartilha instrucional é preencher essas lacunas, oferecendo um guia abrangente que possa servir como base para o entendimento e a elaboração de estratégias de cooperação. Nossa abordagem se concentra especialmente na colaboração entre universidades e organizações públicas e privadas, fornecendo às instituições as ferramentas necessárias para estabelecer e desenvolver redes de cooperação bem-sucedidas.

**Vinicius Rodrigues de Oliveira**  
Mestrando em Gestão e Negócios pela  
UNISINOS



# SUMÁRIO

Redes de Cooperação	02
Por que formar Redes de Cooperação?	04
Por onde começar?	05
Cooperação: IES - Órgãos Públicos e Privados	09
Pontos Importantes	10
Conclusão	12
Contatos do autor	12



# REDES DE COOPERAÇÃO

O agrupamento de empresas de diversos seguimentos que busca incessantemente por desempenho, produção e clientes, impulsiona a competitividade do mercado, exigindo que mais empresas inovem ao traçarem suas estratégias.

A cooperação entre organizações concorrentes ou não, cresce continuamente nas áreas empresariais e o tema se tornou recorrente em trabalhos acadêmicos.

As estruturas interorganizacionais evidenciam os antigos rivais do mercado como potenciais parceiros através de ações de cooperação (BEGNIS et. al. 2008), segundo Gulati et. al. (2000), as redes interorganizacionais são um conjunto de relacionamentos verticais ou horizontais entre as organizações, sejam elas fornecedores, clientes, concorrentes e entidades públicas ou privadas.



As parcerias entre os entes buscam a obtenção de vantagens competitivas, elas dependem da capacidade de reforçar laços com os clientes, superar as expectativas do mercado e de inovar. As empresas isoladas, não conseguem se tornar competitivas, a associação a outras empresas se faz necessária a fim de facilitar o acesso a tecnologias e modelos de gestão, além de ser um facilitador para a cultura de inovações.

O modelo organizacional das redes de cooperação é constituído de estrutura formal própria, mantendo as singularidades de cada organização, mas dividindo com os demais associados da rede uma simetria de ganhos, investimentos e voz ativa nas tomadas de decisão. (BALESTRIN; VERSCHOORE, 2016).

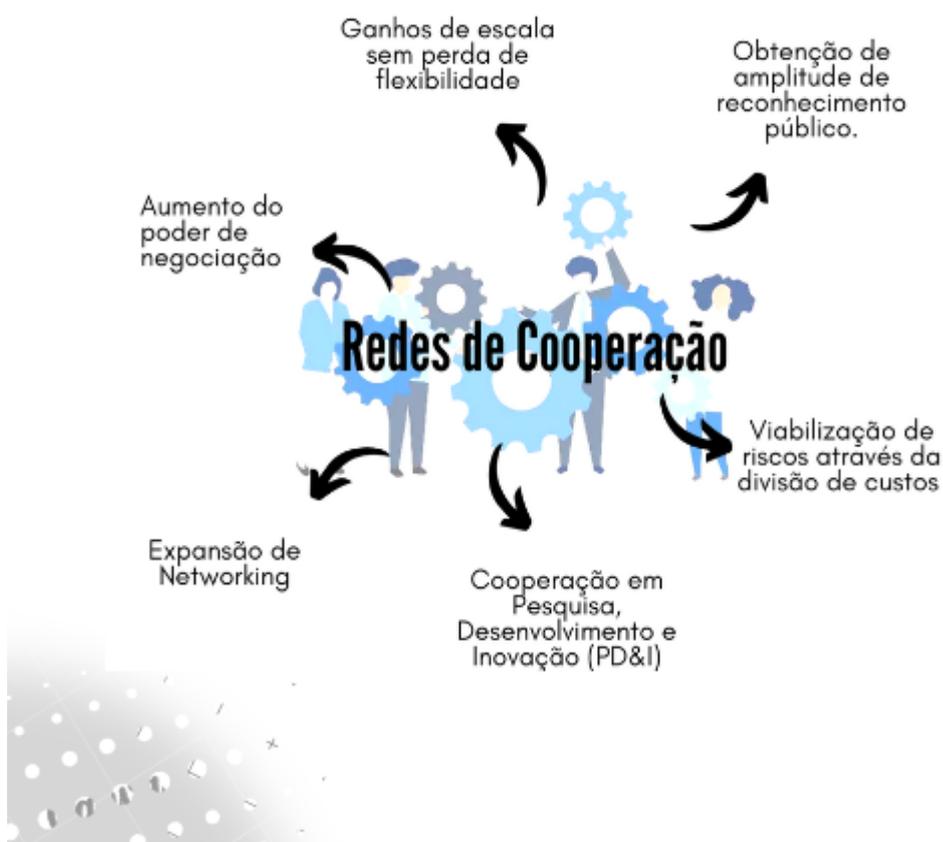
As empresas isoladas de pequeno e médio porte não conseguem se tornar competitivas no mercado, a associação a outras empresas se faz necessária a fim de facilitar o acesso a produtos, tecnologias e modelos de gestão, além de ser um facilitador para o desenvolvimento/criação da cultura de inovações.



Essa nova cultura organizacional parte do pressuposto que nenhuma empresa pode ser independente sem que isso se reflita nos custos (WITTMANN et. al. 2003). Em decorrência da percepção de que a cooperação gera ganhos competitivos para as empresas, governos e entidades privadas ao redor do mundo, instituíram políticas de promoção e apoio de iniciativas de cooperação (VERSCHOORE e BALESTRIN, 2008). É muito difícil uma empresa se desenvolver e acumular todas as competências necessárias isoladamente (MUNCHER, 2018).

# POR QUE FORMAR REDES DE COOPERAÇÃO?

A cooperação é vantajosa para organizações de diversos seguimentos e tamanhos. O intercâmbio de recursos, tecnologia e modelos de gestão são os principais pontos que fazem com que a cooperação impulse as organizações envolvidas, logo abaixo podemos ver uma figura que ilustra bem os ganhos obtidos em uma cooperação em rede.



# POR ONDE COMEÇAR?

---

Após entendermos quais as vantagens de participar de uma rede de cooperação, você deve estar se perguntando: "por onde devo começar para que minha empresa consiga participar de uma rede de cooperação?". Logo abaixo iremos listar pontos primordiais para dar início nesta nova fase do seu negócio.

## ● Networking

Fazer networking é fundamental para iniciar uma rede de cooperação, através dele você consegue encontrar organizações e pessoas que buscam objetivos em comum e que podem se interessar por realizar parcerias. Participar de eventos, feiras de negócios, fazer conexões on-line e off-line com empresas, seguir pessoas engajadas na sua área e participar de fóruns de discussões são ações que podem melhorar seu networking.

## ● Liderança ativa

Ter lideranças ativas e objetivos claros são essenciais antes de ingressar em uma rede de cooperação pois requer participação contínua e compromisso de todos os envolvidos, exige dos gestores maior capacidade de administrar conflitos e flexibilidade com as novas demandas que surgirem durante o projeto.

# COOPERAÇÃO

## IES - ÓRGÃOS PÚBLICOS E PRIVADOS

A cooperação entre as Universidade e Órgãos Públicos e Privados é caracterizada pela vontade de alcançarem objetivos comuns e são cases de sucesso em inúmeras áreas, um exemplo é a cooperação constituída a partir de objetivos explícitos entre Universidades e Órgãos Públicos de saúde eles são sobretudo pautados pela confiança e motivação, elas são estruturadas pelos interesses em comum, que neste caso geram impacto positivo na comunidade.

Esta estrutura é diferente das estruturas de uma Rede de Cooperação Empresarial (RCE) comum, pois não há uma formalização de um capital social onde o aglomerado de diferentes agentes primários, estabelecem redes de colaboração, normas, confiança e coordenação voltadas para benefícios mútuos.

Os benefícios que os acordos proporcionam estão fundamentados no agrupamento de conhecimentos e recursos, compartilhando riscos e sobretudo alcançando uma parcela da sociedade que sem esta cooperação não conseguiria acesso aos serviços oferecidos

A cooperação entre as Universidades - Empresas têm objetivos específicos, como a necessidade de realizar pesquisas que atendam rapidamente a carência de inovações. A aproximação das universidades ocorre devido a busca por financiamentos das pesquisas, enquanto as empresas buscam soluções para sua dificuldade de se atualizar e acompanhar as mudanças tecnológicas.

Quando estendemos essa interação na área da saúde bucal, as perspectivas não são tão diferentes, as organizações buscam se atualizar com novos procedimentos, pesquisas e tecnologias, abrindo espaço para que os acadêmicos e os recém graduados possam atuar trazendo dinamismo e novas perspectivas de futuro, através das inovações oriundas das pesquisas universitárias.

A cooperação com instituições privadas e sobretudo com as ONGs proporcionam trocas de experiências que podem impactar a comunidade ao redor, além de trazer o frescor de novos horizontes de mercado, o foco na melhoria de processos merece destaque, ao associar o conhecimento universitário a administração financeira e de tempo dos entes privados.

# PONTOS IMPORTANTES

Os benefícios que os acordos proporcionam estão fundamentados no agrupamento de conhecimentos e recursos, compartilhando riscos e sobretudo alcançar uma parcela da sociedade que sem esta cooperação as organizações enfrentariam maior dificuldade. O quadro logo abaixo evidenciam vantagens que a cooperação entre as IES e Órgão Públicos e Privados propiciam.

Vantagens	Impacto (descrição)
Facilitar o acesso aos clientes	Os clientes são os alunos e pacientes, com a participação dos entes públicos a captação de novos pacientes é facilitada e isso gera mais atendimentos para os discentes, beneficiando seu aprendizado.
Alcance da marca no mercado	A colaboração da Universidade com entes públicos e privados, leva o nome da instituição a locais distantes dos seus muros, desta forma a visibilidade da marca aumenta, atraindo novos alunos
Aprimoramento da qualidade dos serviços prestados	A vivência com diferentes profissionais da saúde, assim como a diversidade de atendimentos, traz benefícios para o aprimoramento dos serviços.
Divisão de Riscos	A cooperação diminui os riscos quanto à falta de atendimento à população para a rede pública e quanto à deficiência de aprendizagem pela ausência de pacientes da Universidade.
Acesso a recursos	Um dos pilares da cooperação e facilitar o acesso a recursos que individualmente seria difícil, no caso da universidade seria a estrutura externa aos seus muros, já do serviço público de profissionais para ampliar o atendimento à comunidade.

# PONTOS IMPORTANTES

As cooperações também podem trazer inúmeros dissabores, principalmente quando ligadas a órgãos públicos, pois a política pública nacional pode mudar muito de um governo para outro. As transições de governo podem ser cruciais para alavancarem ou por fim em projetos em andamento, sendo uma incógnita de difícil compreensão. As dificuldades dos entes privados estão contidas na obtenção de vantagens competitivas e econômicas em curto prazo. O quadro abaixo trás algumas dificuldades apontadas.

DIFICULDADES APONTADAS	
COOPERAÇÃO COM ENTES PÚBLICOS	COOPERAÇÃO COM ENTES PRIVADOS
Falta de mecanismos adequados, ausência de canais regulatórios e ineficiência na circulação das inovações.	Diferença de tempo para obtenção de resultados, onde a universidade tem um tempo de retorno maior que as empresas têm para gerar lucro.
Limitações causadas por processos administrativos e processos legais podem reduzir a velocidade das decisões e ações.	Diferenças de filosofia, elas dificultam encontrar um meio termo entre divulgação científica (universidade) e manter sigilo sobre produção intelectual (empresas), que são desenvolvida em conjunto.
Dificuldade de captar e manter mão de obra especializada, pois o ingresso em órgãos públicos ocorre por meio de concurso e as remunerações não costumam ser atrativas para estes profissionais.	Falta de qualificação adequada dos recursos humanos dificultando o desenvolvimento e execução de projetos em conjunto.
Falta de continuidade das políticas públicas de incentivo às parcerias com as universidades e empresas.	Falta de conhecimento de mercado por parte dos pesquisadores universitários limitando o poder de aceitação do produto.
A alternância de governo e a descontinuação de programas dificultam a evolução da cooperação com entes públicos	Necessidade de retorno rápido do capital investido dificultam as cooperações de longo prazo.

# CONCLUSÃO

---

As redes de cooperação são necessárias para as organizações expandirem seus negócios, alcançando novos clientes sem assumir riscos e gastos desnecessários, as parcerias com empresas multissetoriais desenvolvem habilidades diversas e compartilham conhecimentos valiosos. Entretanto a cooperação pode gerar desafios se não for bem planejada e executada, pois as instituições possuem diferenças de cultura e de missão, podendo gerar dissabores.

As universidades por exemplo promovem a disseminação do conhecimento, o que pode resultar na falta de sigilo de pesquisa e dificuldades em manter avanços científicos e tecnológicos internamente. As empresas privadas buscam parcerias para maximizar lucros, o que pode levar ao rompimento de acordos de curto prazo caso não consigam retornos financeiros. As entidades públicas apresenta desafios diferentes das demais principalmente devido às mudanças frequentes de gestão nos órgãos governamentais, que podem adotar novas culturas e missões, tornando inviável a cooperação anteriormente estabelecida.

Contudo, a cooperação é uma ferramenta formidável que pode alavancar os negócios, entender as necessidades e dificuldades é essencial para obter êxito, espera-se que esta cartilha sirva como um norteador para os gestores que façam a opção por este tipo de parceria, não eximindo-os de buscarem mais referências e informações antes de ingressarem em um sistema de redes de cooperação.



# CONTACT INFORMATION

 [vinicius-oliveira-ba9102a4/](https://www.linkedin.com/in/vinicius-oliveira-ba9102a4/)

 [viniciusrodrigues@unirv.edu.br](mailto:viniciusrodrigues@unirv.edu.br)